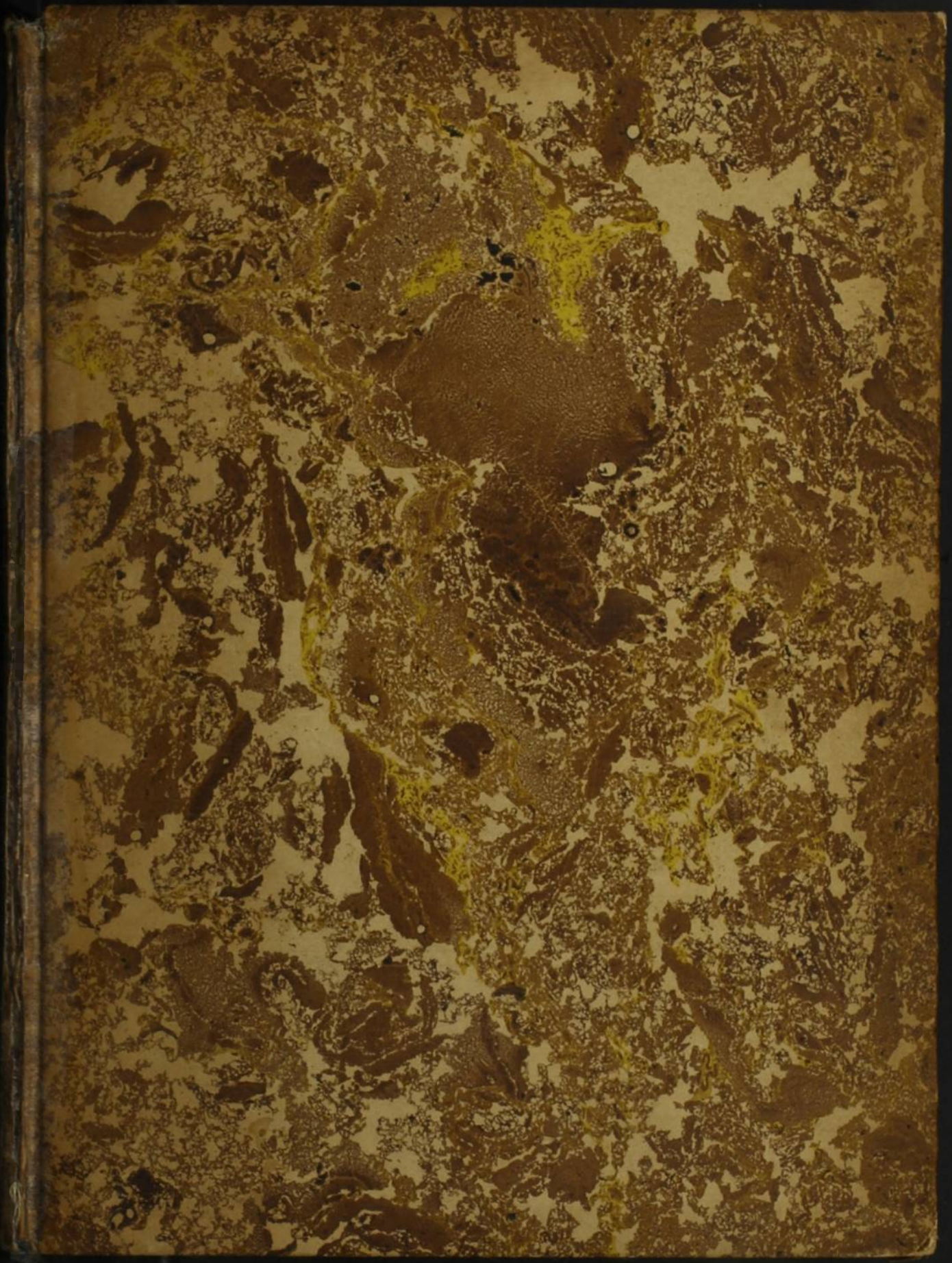

EX-LIBRIS
BORBA
MORAES
RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

Antonio Pereira dos Santos.

OS GRANDES DA ÉPOCA.

OU

A FEBRE ELEITORAL.

COMEDIA ORIGINAL

EM TRES ACTOS.

SANTOS.

TYPOGRAPHIA DE V. A. DE MELLO.

RUA DO ROSARIO N. 56.

1860.

Antonio Pereira dos Santos.

OS

GRANDES DA ÉPOCA,

OU

A FEBRE ELEITORAL.

COMEDIA ORIGINAL

EM TRES ACTOS.

SANTOS.

TYPOGRAPHIA DE V. A. DE MELLO.

1860.

OS

GRANDES DA ÉPOCA,

OU

A FEBRE ELEITORAL,

COMEDIA ORIGINAL

EM TRES ACTOS.

PERSONAGENS.

O Barão de S. Vicente, antigo negociante, retirado do commercio, viuvo, 55 annos.
O Tenente Coronel Mauricio, militar reformado, 58 annos.
Raymundo da Silva, doutor em Direito, 28 annos.
Arthur da Fonseca, bacharel em Direito, 25 annos.
Viridiano Marques, por alcunha o Dr. Taramela, rabula, 40 annos.
Matheus Gonçalves, capitalista, 60 annos.
Sebastião, eleitor, 45 annos.
A Condessa do Anhangabahú', viuva, 50 annos.
D. Eudoxia, irmã do Barão, 40 annos.
Guilhermina, filha do mesmo, 20 annos.

Criados.

A acção da comedia se passa em S. Paulo ; o 1.° e o 2.° actos, em dias consecutivos, na chacara do Barão, sita n'um arrabalde ; o 3.°, na sua casa da cidade, 8 dias depois. E'poca — actualidade.

OS GRANDES DA ÉPOCA.

OU

A FEBRE ELEITORAL.

ACTO I.

Salão elegantemente mobiliado e alcatifado. Portas lateraes; no fundo, uma porta envidraçada e janellas, dando para um terraço. E' de tarde.

SCENA I.

O BARÃO, VIRIDIANO, GUILHERMINA, ARTHUR, D. EUDOXIA, RAYMUNDO, O TENENTE CORONEL, E MATHEUS.

A' direita e na frente da scena, o Barão, sentado n'uma poltrona; a seu lado, igualmente sentado, Viridiano; á esquerda e defronte, Guilhermina, sentada ao piano tocando; em pé e junto d'ella, prestes a virar as folhas da musica, Arthur; no centro, mas um tanto mais para o fundo, D. Eudoxia, sentada junto a uma meza e folheando distrahidamente um album; do outro lado da meza, tambem sentado, pensativo e quasi sempre com os olhos fitos em Guilhermina, Raymundo; passeando no fundo e parecendo gozar da viração da tarde, a través das janellas e porta que deitão para o terraço, o Tenente Coronel e Matheus, de braços dados

VIRIDIANO.

Eu lhe asseguro, senhor Barão, que a presente disposição da nossa *atmosphera politica* não póde durar...

o systema enthronisado da illusoria conciliação está completamente desacreditado.... o espirito publico, indifferente de ha annos a esta parte aos negocios de Estado, anceia hoje por ver restaurados os antigos tempos de enthusiasmo e segregação dos partidos....

BARÃO.

Com todas as suas exagerações e calamitosos excessos.... Deos nos livre de tal, Senhor Doutor.

VIRIDIANO.

Antes isso do que a *cerebrina* conciliação com o seu longo cortejo de marasmo politico, vergonhosas transacções e mistura *indistinguivel* de côres partidarias.

BARÃO.

Após a procella, vem a calma—é a ordem da natureza.

VIRIDIANO.

Mas a calma actual das regiões *representativas* é a calma podre, a calma assassina das nobres aspirações e grandes sentimentos patrioticos.... é a calma que se traduz pelo reinado do egoismo e do interesse pessoal.... é a morte das verdadeiras crenças pela sua *hybrida* fusão.

BARÃO.

A paixão o céga, senhor Doutor.... Quem o ouvisse fallar n'este momento e o acreditasse, diria que estamos á beira de um abysmo.

VIRIDIANO

Sim.... um abysmo.... *dantesco* !... que ha de tragar o nosso paiz.

BARÃO, *sorrindo-se.*

Homem ! é preciso que seja desmesuradamente largo. *(Continuão a conversar em voz baixa.)*

D. EUDOXIA

Dizia não sei que escriptor celebre do seculo de Luiz XIV que a amizade é um sentimento que, pela sua constancia e frieza naturaes, parece haver desabrochado nas regiões polares, em quanto que o amor, pelo fogo que lhe é proprio e caracter passageiro, deve provavelmente a sua origem á temperatura mobil e ardente dos paizes tropicaes.

RAYMUNDO.

D'onde se segue que no Brasil....

D. EUDOXIA

Sabe-se amar, mas se não sente a amizade.

RAYMUNDO

Esse escriptor, minha senhora, avançou n'este conceito um pensamento poetico na fórma, mas de um fundo evidentemente paradoxal.

D. EUDOXIA.

Pois acredita na amizade.... n'esta nossa terra de impressões momentaneas.... onde a vida é um somno

mais ou menos longo, povoado de sonhos fugazes.... a natureza uma scena, onde cada hora traz uma mutação, cada instante offerece um novo espectaculo.... onde, emfim, os perfumes ligeiros, as harmonias doces, as maravilhas ephemeras, são a sua historia de todos os dias ?

RAYMUNDO.

Sim, senhora. Comquanto o theatro pareça mais proprio para servir de paraiso aos sacerdotes de Cupido, ha tambem lugar n'elle para a vivenda grave dos severos cultores da deosa Amizade. E como negá-lo, quando tantos exemplos se me deparão á vista, para me convencerem do contrario ?

D. EUDOXIA.

Aponte alguns.

RAYMUNDO.

Aqui mesmo os tenho. V. Ex. e seu irmão, o Sr. Barão, em primeiro lugar.

D. EUDOXIA.

Continúe.

RAYMUNDO.

Alli.... o Sr. Barão e o Sr. Viridiano.... quero dizer... *(Elevando a voz.)* o Dr. Viridiano....

VIRIDIANO, *voltando-se rapido.*

Que me quer ?

RAYMUNDO.

Fallo aqui com a Sra. D. Eudoxia.

VIRIDIANO.

Ah !

D. EUDOXIA, *á parte, a Raymundo.*

Malicioso !

RAYMUNDO.

Qual !... Mas, como dizia.... alli o Sr. Barão e o Dr. Viridiano.

D. EUDOXIA.

Não creio.

RAYMUNDO.

Porque ?

D. EUDOXIA.

Enganão-se reciprocamente, ou reciprocamente se conhecem e fingem uma intimidade que não os póde ligar. A ambos perde a vaidade, com a differença de que um tem senso commum, e o outro é um parvo.

RAYMUNDO.

V. Ex. o diz. Acolá, a senhora sua sobrinha e o Dr. Arthur.

D. EUDOXIA.

Alli... amizade ?... Duvido.

RAYMUNDO.

Como ?

D. EUDOXIA.

De um lado ha a mais sincera, mas bem disfarçada indifferença....

RAYMUNDO.

Da parte da senhora D. Guilhermina ?... Sim.... E do outro ?

D. EUDOXIA.

Do outro ?... Nem eu sei como o denominar ... Um arremedo ridiculo de um amor não sentido.... um papel de comedia burlescamente representado.

RAYMUNDO.

Bravo ! muito bem dito... Mas continúo. Acolá.... o Sr. Tenente Coronel Mauricio e o Sr. Matheus Gonçalves.

D. EUDOXIA.

O Doutor está zombando....

RAYMUNDO.

Como assim, minha senhora ?

D. EUDOXIA.

Pois acredita que, entre seu amigo, o Tenente Coronel Mauricio, e o capitalista Matheus Gonçalves, possa haver verdadeira amizade ?

RAYMUNDO.

E porque não ?

D. EUDOXIA.

Porque ha um abysmo entre as suas duas naturezas.... porque são antipodas na fé e nos sentimentos d'alma.... porque um é idolatra do ouro e o rei dos tolos ... o outro, um caracter nobre e o typo dos bravos e intelligentes veteranos do nosso exercito.... porque um semelha uma safada moeda de cobre e o outro representa uma medalha de ouro gloriosa.

RAYMUNDO.

Perfeitamente.... Cada vez melhor. Finalmente, senhora, ha a amizade entre mim e o Tenente Coronel, que V. Ex. mesma lembrou, e a amizade de nós dous para com as pessoas d'esta casa.

D. EUDOXIA.

Lá isso é outro caso.... Creio que ahi ha boa e reciproca amizade.

RAYMUNDO.

Logo, falha o principio estabelecido pelo escriptor do seculo XVII e que V. Ex. citou, na sua applicação litteral.

D. EUDOXIA.

Mas esse principio, como todas as leis conhecidas, está sujeito á these geral de que não ha regra sem excepção.

RAYMUNDO.

Devemos pois nos felicitar de formarmos honrosas excepções.

D. EUDOXIA.

Tão honrosas quão raras.

(*Continuão a conversar entre si.*)

ARTHUR, *com explosão.*

Magnifico ! minha senhora... mais que magnifico, divino !

GUILHERMINA, *que tem acabado de tocar.*

E' bondade sua, Sr. Doutor.

ARTHUR.

Nada, minha senhora ; V. Ex. executa admiravelmente.... Dispõe de um talento peregrino para a celeste arte de Euterpe.... E' uma interprete apaixonada das harmonias originaes de Verdi....

GUILHERMINA.

Oh ! Senhor Doutor, V. S. acabrunha-me sob a descarga á queima-roupa de tão rasgados elogios.

ARTHUR.

Se V. Ex. merece.... A sua não vulgar intelligencia....

GUILHERMINA, *interrompendo-o com viveza.*

Vossa senhoria vai-me emprestar aquillo que possúe de sobejo.... E' prodigo em favor dos outros, a exemplo da natureza que tão liberal foi para com V. S.... A differença é que as prodigalidades da natureza são dons reaes que lhe ornão a pessoa, emquanto que as suas palavras não passão de expressões lisongeiras e immeritas, dictadas pela sua nimia delicadeza.

ARTHUR.

V. Ex. accusava ha pouco a redundancia dos meus encomios, e acaba de me esmagar sob o peso da mais elegante e bem tecida apologia.

GUILHERMINA.

Aprendi com V. S.... os máos exemplos são contagiosos. *(A' parte.)*Que formidavel tolo !

ARTHUR, *idem.*

Esta moça é notavelmente desenxabida !... Se não fosse *l'argent* do pai e a esperança de que poderei transforma-la n'uma Parisiense....

(Continuão a se entreter em voz baixa.)

O TENENTE CORONEL.

V. S. me não conhece, Sr. Matheus Gonçalves.... sou incapaz de gracejar.... Disse e repito—V. S. está

mais do que ninguem no caso de se apresentar candidato á proxima eleição....

MATHEUS.

Mas as habilitações?... Bem sabe que eu não as tenho....

TENENTE CORONEL.

Habilitações?! Quem se importa hoje com isso? O systema dos circulos acabou de uma vez com essa patranha... Hoje o que se quer são homens de uma influencia reconhecida.... homens solidos.... pela sua fortuna e..... posição.

MATHEUS.

E acredita que eu ..?

TENENTE CORONEL.

V. S. mais do que ninguem está n'este caso.... é uma potencia financeira do circulo....

MATHEUS.

Ora, Sr. Tenente Coronel....

TENENTE CORONEL.

Deixe-se de falsas modestias comigo, Sr. Matheus.... Conheço-o de perto, e avalio mais ou menos exactamente a sua fortuna.... Ora, como sabe, a verdadeira aristocracia da actualidade é a do dinheiro....

MATHEUS.

Qual! o talento....

TENENTE CORONEL.

O talento ?! Não me falle em talento.... O talento é uma mentira.... quero dizer.... moeda por si só, sem circulação, na vida social.

MATHEUS.

Pois bem! visto que o Sr. Tenente Coronel me affiança.... pensarei n'isto.... E depois.... eu não sou inteiramente analphabeto.

TENENTE CORONEL.

Conheço-o.... torno a dizer.... V. S. tem muito engenho natural. (*A' parte.*) Para enriquecer á custa alheia. (*Alto.*) Demais o seu orgão não é máo.

MATHEUS.

O meu orgão ? !

TENENTE CORONEL.

Sim.... a sua voz.

MATHEUS.

Pois pensa ... que será necessario que eu falle ?

TENENTE CORONEL.

Talvez ... quero dizer.... se lhe dér essa vontade.

MATHEUS.

Ah !

(*Entrão dous criados com bandejas cheias de chavenas, e começão a servir os interlocutores. Arthur, mal os vê, corre a uma das bandejas e toma duas chavenas.*)

ARTHUR, *approximando-se de D. Eudoxia e offerecendo-lhe uma das chavenas.*

Minha senhora, permitta-me que sirva de conductor entre.... o fumegante Moka e os seus labios.

D. EUDOXIA.

Aceito a chavena, não trazida por um conductor, mas offerecida pelo mais amavel dos cavalheiros.

BARÃO, *que ouvio a Arthur.*

Bravo ! meu futuro deputado.... o seu espirito, como homem de alta sociedade, brilha cada vez com mais distincção e apuro.... O que não será na Assembléa Geral !...

ARTHUR.

Merci, caro Barão.

VIRIDIANO.

Bem mostra que já esteve em Paris.

(*Arthur chega-se para Guilhermina e offerece-lhe a outra chavena.*)

BARÃO, *chamando.*

Mauricio.... Sr. Matheus.... ao café ou ao chá.... o que quizerem.

(*Os dous se approximão.*)

TENENTE CORONEL.

Prefiro uma chavena de chá.

MATHEUS.

E eu de café..... E se fosse com licôr francez.... tanto melhor.

RAYMUNDO, *á parte.*

Impolitico !

BARÃO, *a um dos criados.*

Roberto.... Serve licôr ao Sr. Matheus. (*O criado sahe e logo volta com uma garrafa de crystal com licôr.*)

MATHEUS, *saboreando o café sobre que tem derramado algumas gottas de licôr.*

Famoso !

TENENTE CORONEL.

Gosta muito de licôr francez, Sr. Matheus ?

MATHEUS.

Oh ! morro por elle.... é a bebida dos anjos...

ARTHUR.

Quer dizer o nectar dos deoses ?

MATHEUS.

Isso... isso.

VIRIDIANO.

Pois eu prefiro o Champagne.

TENENTE CORONEL.

E' o licôr que rega as saudações patrioticas.... provoca os *speechs*.... é o vinho dos banquetes parlamentares.

VIRIDIANO.

Justamente.... é porque muito o aprecio.

BARÃO, *levantando-se.*

Senhores... um passeio ao jardim, se quizerem.... a escada, alli pelo terraço.... Sem ceremonia.... a casa é sua.

(*Movimento geral. Arthur, afastando-se impensadamente do lado de Guilhermina, Raymundo o substitue em continente, e, dando-lhe o braço, condú-la para a porta do fundo. Viridiano offerece o braço a D. Eudoxia, e seguem aquelles.*)

TENENTE CORONEL, *a Arthur.*

Doutor.... fica ?

ARTHUR

Não.... tambem vou.... fumar. Quer ? (*Puxa de uma charuteira e offerece-lhe charutos.*)

TENENTE CORONEL, *tomando um charuto.*

Obrigado. O seu braço. (*Dão-se os braços, e tambem se retirão, acompanhando os outros.*)

——

SCENA II.

O BARÃO *e* MATHEUS.

BARÃO.

Então não vai, Sr. Matheus?

MATHEUS.

Não, Sr. Barão ; desejo fallar a V Ex.

BARÃO

Pois bem ! aqui estou ás suas ordens.

MATHEUS.

Sr. Barão.... o assumpto de que vou tratar é melindroso.... Desculpará por isso o meu acanhamento.

BARÃO.

Falle sem receio, Sr. Matheus.

MATHEUS, *depois de muito tossir, assoar-se, sorver uma pitada, etc.*

Senhor Barão, a minha fortuna, como sabe, é millionaria....

BARÃO.

Assim dizem.

MATHEUS.

E adquirida por meios licitos.... á custa do meu suor.... com toda a honradez.

BARÃO.

V. S. o affirma.

MATHEUS.

Até aqui me tenho conservado celibatario.... por.... talvez por considerações de conveniencia....

BARÃO.

Ou melhor por calculo de economia.

MATHEUS.

Póde ser.... Mas hoje com a chegada dos annos.... sinto a necessidade de ligar a minha sorte á de uma mulher digna de mim....

BARÃO.

Ser-lhe-ha facil encontrá-la.

MATHEUS.

Não, senhor, já a encontrei.

BARÃO.

Dou-lhe os parabens.

MATHEUS, *hesitando.*

Mas é que...

BARÃO.

Mas é que...?

MATHEUS.

Essa mulher.... digo.... essa senhora.... digo.... essa moça.... é....

BARÃO.

E'...?

MATHEUS.

E' a Sra. D. Guilhermina.

BARÃO.

Minha filha ? !

MATHEUS.

Sim, senhor Barão, é a Exm^a^. Sra. sua filha, a quem

amo.... amo com toda a ternura de que sou capaz, e a quem desejo esposar.

BARÃO.

E ella o quer ?

MATHEUS.

Ignoro.

BARÃO.

Pede-m'a pois em casamento, sem have-la ouvido préviamente ?

MATHEUS.

Deixo a cargo de V. Ex. o consultá-la. Se ella annuir, e V. Ex. approvar a nossa união, reputar-me-hei o mais feliz dos homens.

BARÃO, *revestindo-se de gravidade.*

Senhor Matheus, sou-lhe devedor de avultadas quantias, que, desde que meus negocios assumirem melhor face, procurarei pagar-lhe integralmente no capital e premios estipulados. Entretanto, permitta que lhe diga que esta especie de dependencia, em que estou relativamente á V. S., não altera em nada a independencia das minhas acções.... Espero que o acreditará. . Pois bem ! respondendo ao seu pedido, dir-lhe-hei que, não me achando compromettido para com ninguem, poderia, pela minha parte, decidir favoravelmente a sua pretenção ; mas.... (*pausa.*)

MATHEUS, *á parte*

Querem ver que m'a vai recusar.... este fidalgo.... pingante !

BARÃO, *continuando.*

Mas.... trata-se da sorte d'ella.... ella, livre, qual a faço, na escolha de seu marido, é quem deve responder ao pedido de V. S.... Consultá-la-hei.

MATHEUS.

Muito bem, Sr. Barão, mil vezes agradecido.... Mas se ella hesitar, V. Ex. bem poderá abrir-lhe os olhos, ponderar-lhe que um partido semelhante, sendo raro...

BARÃO, *interrompendo-o.*

Senhor Matheus.... já disse a V. S., minha filha é inteiramente livre na escolha de seu marido.

MATHEUS.

Basta, basta.... Eu me retiro.... Até logo.... Mas.... quando V. Ex me ha de dar a resposta ?

BARÃO.

Amanhã talvez.

MATHEUS.

Bem, muito bem.... Até logo. (*Vai-se.*)

SCENA III.

O BARÃO, *só*.

A proposta d'este velho lorpa causa dó.... Persuade-se que, por ter amontoado, sabe Deos como ! uma fortuna de alguns centenares de contos, que hoje empresta com os mais fabulosos juros.... já tem direito a aspirar a uma alliança aristocratica.... Que bello genro para um futuro senador !... Tinha que ver um semelhante casamento... E' forte teima a d'estes senhores ricaços, de quererem a torto e a direito nivellarem-se com a fidalguia titular e da illustração.... Quanto me custou a ganhar o baronato e entrelaçar-me com a verdadeira aristocracia da terra, sei-o eu.... Os serviços patrioticos que prestei pessoalmente e mediante a minha bolsa.... as grossas contribuições que fui forçado a subscrever a bem do meu municipio... os innumeros hospedes, todos gente de alto cothurno, que tive de agasalhar durante longos annos em minha casa.... os vinte contos, finalmente, em que me importou o titulo.... não forão sacrificios comesinhos e ao alcance de qualquer aventureiro ou filho da fortuna que pretendesse os fóros de fidalgo... Agora que me conceitúo aristocrata e como tal sou tido, as minhas aspirações são elevadas—uma cadeira no Senado é o alvo de toda a minha ambição ; e o marido de minha filha será quem puder augmentar a nobreza dos meus brasões, e não quem viesse rebaixar ou desdourar o nome da minha linhagem.

— —

SCENA IV.

O BARÃO *e* VIRIDIANO.

O BARÃO, *avistando-o.*

Já de volta, meu Doutor?

VIRIDIANO.

Sim, Sr. Barão, porque preciso conferenciar com V. Ex.

BARÃO.

Sou todo ouvidos. (*A' parte.*) Hoje é o dia dos colloquios intimos... Ora não seja alguma proposta analoga!

VIRIDIANO, *ridiculamente sisudo e empertigando-se.*

Sr. Barão, homem cheio de perseverança e força de vontade... não me havendo sentado nos bancos de uma academia, mas cultivando as lettras com amor e affinco no meu gabinete... advogado, senão com carta, ao menos, graças aos meus esforços, coroados sempre de feliz successo, acreditado n'esta capital, e provisionado pela Relação do districto, como V. Ex. não o ignora... senhor de uma fortuna mediana... em uma palavra, investido hoje de uma posição social digna da inveja de muitos, e gozando de uma influencia legitimamente adquirida... taes são os meus titulos.

BARÃO.

Conheço-os de sobra, Sr. Doutor. (*A' parte.*) A que virá este immenso preambulo?

VIRIDIANO.

Pois bem! senhor Barão... Recordando á V. Ex. todas estas particularidades relativas á minha pessoa, eu tenho em vista fundamentar uma moção... quero dizer, um pedido, que vou endereçar á V. Ex.

BARÃO.

Um pedido? (*A' parte*). Dar-se-ha caso que seja o meu apoio á sua candidatura?... E' provavel.

VIRIDIANO, *em tom e com transporte theatral.*

Senhor Barão, peço á V. Ex. com todo o respeito a mão da Exma. Sra. D. Guilhermina.

BARÃO.

A mão de minha filha?! (*A' parte*). Segundo pedido em menos de uma hora! (*Alto.*) V. S. pede-m'a em casamento? (*A' parte.*) Parece que se apostárão!

VIRIDIANO.

Por outras palavras, é o que pretendo.

BARÃO, *com solemnidade.*

Sr. Viridiano, nada lhe posso responder, pela minha parte, a esse respeito. Semelhante negocio é privativo de minha filha. Ella o decidirá.

VIRIDIANO.

Mas V. Ex. empenhará todo o seu valimento junto d'ella em prol da minha pretenção?

BARÃO.

Sim.... sim.... repetir-lhe-hei o que V. S. acaba de me expender.

VIRIDIANO.

E advogará a minha causa ?

BARÃO.

Pois não.... sim....

VIRIDIANO.

Quando poderei procurar o *resultado da deliberação?*

BARÃO.

Hoje mesmo.... digo.... amanhã.

VIRIDIANO.

Amanhã ?... Muito bem. Ficar-lhe-hei eternamente grato ... Até logo, Sr. Barão, D. Eudoxia me aguarda.... *(Vai a sahir.)*

— —

SCENA V.

OS MESMOS *e a* CONDESSA.

CONDESSA, *entrando pela direita.*

Boa tarde, meus senhores. (*Encontrando-se com Viridiano no meio da scena.*) Como passa, Doutor ?...

Cada vez mais rosado e nutrido.... As fadigas eleitoraes, que tanto lhe apouquentão o laborioso espirito, não conseguem affectar o seu physico.... Tem uma constituição de ferro. E V. Ex., meu caro Barão.... Meus emboras pelo complemento dos seus...?

BARÃO.

55, minha senhora.

CONDESSA.

Está ainda joven.... meu caro Barão.... Desculpe não ter obedecido ao seu convite, deixando de vir saudá-lo ao jantar com os nossos amigos pelo seu fausto anniversario natalicio.... quinquagesimo quinto.... Não pude.... Uma noite mal dormida após o espectaculo dramatico.... a enxaqueca consequente.... algumas visitas importunas.... tudo impedio-me de vir... mais cedo. D. Eudoxia e a senhora sua filha ?

BARÃO.

Estão no jardim.

CONDESSA.

Ah ! (*Pausa.*) Snr. Doutor, foi uma grande felicidade o encontrá-lo.

VIRIDIANO.

Como assim, Exma. senhora ?

CONDESSA.

Tenho um negocio serio a tratar com V. S.

BARÃO, *querendo retirar-se.*

Portanto.... com licença.

CONDESSA

Nada.... nada.... Snr. Barão, V. Ex. não é demais.... pelo contrario.... conto com a sua cooperação para resolvermos o Sr. Doutor a acquiescer á proposta que lhe vou fazer.... em nome de uma terceira pessoa.

BARÃO.

Oh ! minha senhora.... todo a seu serviço.

VIRIDIANO, *á parte.*

Uma proposta.... Já percebo.... E' alguma transacção com os meus eleitores.

CONDESSA.

Os senhores devem saber que o meu sobrinho Eduardo se apresenta candidato....

VIRIDIANO, *vivamente.*

A' supplencia.... E' um dos indigitados.

CONDESSA.

Nada.... não, senhor.... A' deputação.

VIRIDIANO.

Aspira á deputação ? ! (*A' parte.*) Uma mediocridade !... Ha de tê-las bôas.

CONDESSA.

Ora.... n'estas circumstancias.... pedio-me que fallasse á V. S. e lhe propuzesse. .

VIRIDIANO.

Uma transacção?.. Mas em que termos?.. quaes são os seus eleitores, ou aquelles com quem elle conta com segurança?

CONDESSA.

Quasi todos os eleitores do seu lado.

VIRIDIANO.

Os eleitores do seu lado?! Ah! ah! ah! (*Ri-se.*) Não creia n'isso, Exma. senhora.. diga-lhe que se dissuada de semelhante ideia... Todos elles se achão de ha muito compromettidos.

CONDESSA.

Mas...

VIRIDIANO.

Qual!.. Exma. senhora... isso é um impossivel... o impossivel dos impossiveis. (*Mudando de tom.*) Ja vê pois que não pode ter lugar a transacção... E demais, mesmo quando eu quizesse... já não estaria nas minhas mãos o servi-la. Tenho todos os votos dos meus eleitores empenhados,

CONDESSA.

Está bem.... Snr. Doutor.... á vista deste seu despacho.... tão decisivo....

VIRIDIANO.

Sinto de todo o coração não poder attender d'esta vez ao precioso pedido de V. Ex.

CONDESSA.

Não fallemos mais n'isso.

BARÃO.

Minha senhora, não deseja dar um passeio até o jardim ?

CONDESSA.

Sim.... vamos.... Snr. Doutor.... o seu braço, se me faz favor.... Sympathiso irresistivelmente com V. S.

VIRIDIANO.

E eu, Exma. Sra., da minha parte, voto-lhe, em retribuição, a mais sincera estima e respeitosa affeição.

BARÃO, *á parte.*

São dignos um do outro.

(*Viridiano e a Condessa se encaminhão para o fundo, de braços dados.*)

CONDESSA.

Espero dentro de poucos annos vê-lo sentado no conselho de ministros.

VIRIDIANO.

Permitta o céo que suas palavras sejão o oraculo indefectivel de uma sybilla politica.... São esses todos os meus desejos.

BARÃO, *á parte, sahindo pela esquerda.*

Charlatão ! (*Vão-se.*)

— —

SCENA VI.

RAYMUNDO E GUILHERMINA.

RAYMUNDO.

Acredite, D. Guilhermina, que as minhas vistas a seu respeito são as mais nobres,

GUILHERMINA.

E porque não me pede a meu pai ?

RAYMUNDO.

Porque.... receio uma repulsa.

GUILHERMINA.

D'elle ?.... é impossivel.

RAYMUNDO.

D. Guilhermina, conheço o Sr. seu pai.... para elle não realiso ainda as condições exigidas pelo seu orgulho para ter direito a aspirar á sua mão.

GUILHERMINA.

Como ?

RAYMUNDO.

Tenho dous pergaminhos de uma das Academias de Direito do Imperio, é verdade, uma de bacharel, outra de doutor, e ambas adquiridas, digo-o com altivez á V. Ex., a preço unico dos meus esforços intellectuaes.... folgo de possuir no fôro o nome de advogado habil e probo.... hei por vezes merecido a confiança dos eleitores do meu circulo e exercido com honra e geral estima dos meus concidadãos o espinhoso cargo de deputado no seio da representação provincial.... occupo emfim na litteratura nacional um lugar distincto conquistado á força de laboriosas vigilias e mediante algumas producções, filhas da meditação e do estudo... Pois bem ! tudo isto ainda não é bastante para eu merecer, na opinião do Sr. Barão de S. Vicente, a honra de pretender á mão de sua filha.

GUILHERMINA.

E porque não ?... Quem lh'o disse ?... Não será isto uma desconfiança infundada da parte de V. S. ?... Anime-se, resolva-se e dirija-lhe o pedido.... que eu estou certa de que será acolhido propiciamente e com prazer por meu pai.

RAYMUNDO.

Não.... D. Guilhermina.... ainda não.... Ainda não estou bastante altamente collocado para ousar tanto.... No entender do Sr. Barão de S. Vicente, é preciso talvez que eu seja honrado na proxima eleição pelos eleitores d'este ou de qualquer outro circulo com um assento na Assembléa Geral... ou, quem sabe? pelo chefe do Estado com uma das pastas ministeriaes... pelo governo com a administração de alguma das nossas provincias... para julgar-me com jus a esta alliança.

GUILHERMINA.

E V. S. se não apresenta d'esta vez candidato á deputação.

RAYMUNDO.

Sim.

GUILHERMINA.

Espera ser eleito?

RAYMUNDO.

Talvez o seja.

GUILHERMIÑA.

Pois bem! trabalhe... empenhe-se... não descance, se presume ser isto necessario para a realisação do nosso casamento.

RAYMUNDO.

Sim, eu o verei... por essa razão, e ainda por outra. E' tambem por uma consideração patriotica, é tambem por proposito firme de hostilidade e guerra franca e leal, mas guerra de morte, contra a influencia illegitima das mediocridades e prestigio material do dinheiro, que eu me lanço desta vez no campo das refregas eleitoraes e procurarei supplantar os meus competidores menos dignos. Sim, é uma vergonha para o paiz, é um escarneo contra a realeza democratica do talento, é emfim um insulto ás luzes do seculo e soberania da omnipotente intelligencia, que, no Brasil, onde pullulão as capacidades, no Brasil, onde o caracter, as reputações gloriosas, a dignidade, os sentimentos nobres e o verdadeiro merito dormem escondidos no véo da modestia e se esperdição á mingoa de estima publica, no Brasil, onde a experiencia illustrada e a coragem civica distingue tantos cidadãos, se pretenda hoje, pelo actual systema de eleições, plantar o dominio da ineptidão e da intriga, da degradação de costumes e da velhacaria, da força céga do ouro e da impostura dos charlatães, com o auxilio das influencias locaes! Trabalharei com todas as minhas forças hoje, amanhã, a minha vida inteira para extirpar o cancro do patronato e da ignorancia do corpo gangrenado da nossa organisação politica e administrativa... Sei que é esta uma empreza ardua, um lidar insano, em que perderei talvez a seiva de meus annos e todo o meu vigor... e pouco ou nada obterei em favor das minhas vistas desinteressadas e ideal patriotico... A corrente das cousas, obedecendo á sua direcção natural e energica, precipitar-se-ha sempre pelo declive da ruina lenta do paiz e definhamento das grandes virtudes publicas, tão frequentes outr'ora...

Mas que importa!.. Restar-me-ha, entretanto, como galardão dos meus sinceros serviços a bem... o engrandecimento material e moral da minha terra... a approvação tacita da propria consciencia, o juizo pouco numeroso mas insuspeito das pessoas honestas.

GUILHERMINA.

Muito bem, Sr Dr. Raymundo... Oxalá todos os nossos homens publicos nutrissem os bellos sentimentos que se aninhão no seu peito!

RAYMUNDO.

Oh! alguns os proclamão o seu primeiro cuidado, ao entreabrirem os labios no gremio das nossas representações, é fazerem a sua propria apotheose... é queimarem abundante incenso no altar em que os colloca a vaidade pessoal... Mas bem depressa a sua conducta os desmente, e vem mostrar núa e coberta de manchas aos seus constituintes, a quem embalárão com suas phrases bombasticas, a physionomia que trazião tapada por uma mascara... Porém... para aqui se dirige seu pai e o Dr. Arthur... Retiremo-nos.

GUILHERMINA.

Sim... vamos. *(Sahem pela esquerda.)*

SCENA VII.

O BARÃO e ARTHUR.

BARÃO.

O pedido que V. S. me acaba de endereçar enche-

me de orgulho. E' uma prova eloquente de que as alianças nas nossas familias, quando realisaveis, poderião effectuar-se sem quebra das conveniencias sociaes e a mais leve desigualdade na ordem hierarchica de cada uma.

ARTHUR.

Sim... Sr. Barão... Apezar da nobreza da minha casa... datar de remotas eras, da vida do meu vigesimo avô talvez... e a sua fidalguia... ser de muito fresca data.

BARÃO.

Nada, Sr. Doutor... meus antepassados já havião sido nobres...

ARTHUR.

Pois bem!.. não façamos questão disso... Ia V. Ex. dizendo..?

BARÃO.

Que, apezar de muito lisongeado com o seu pedido... comtudo não podia eu mesmo satisfazel-o.

ARTHUR.

Porque?

BARÃO.

E' força ouvir minha filha, a verdadeira interessada n'este negocio.

ARTHUR.

E se ella recusar?

BARÃO.

Qual!.. é impossivel... um semelhante partido!.. Chamá-la-hei á razão.

ARTHUR.

Sim, senhor Barão, vanglorio-me de ser um d'aquelles homens a quem todas as mulheres desejarião esposar. *Par exemple!* Farto de bens da fortuna.... (*A' parte.*) E' justamente o que me falta..... (*Alto.*) honrado com um diploma da Faculdade de Direito estabelecida n'esta cidade, havendo exercido em Paris, o berço dos grandes talentos litterarios, a patria dos prazeres, *le foyer* de toda a civilisação do mundo, de uma maneira crédora dos mais pomposos encomios por parte das gazetas officiaes, um lugar importante da legação brasileira, candidato á deputação geral, infallivelmente seguro de ser eleito, com um futuro brilhante e esperançoso diante de mim, filho, finalmente, de um dos nossos Estadistas de mais nomeada, Senador pela provincia de S. Paulo e n'ella chefe influente do seu partido, um dos vultos grandiosos da actualidade politica, o que mais posso anhelar?... fazer a felicidade de uma joven bella e digna de meus merecimentos, a quem eu ame.... E' a razão porque me quero casar com a senhora sua filha.

BARÃO.

Repito-lhe, Sr. Doutor, que a sua proposta me en-

che de nobre orgulho ... A razão, porém, por mim expendida, impede-me de offerecer-lhe prompta e satisfactoria decisão.

ARTHUR.

Sim.... é justo.... Mas faça valer a sua autoridade paterna.... Convença-a V. Ex. de que, casando-se comigo, ella tem tudo a ganhar e nada a perder. *Ça va sans dire.*

BARÃO, *á parte.*

E' forte immodestia ! (*Alto.*) Far-lhe-hei ver isso. (*Pausa.*) Conta então com certeza ser eleito deputado na proxima eleição, Sr. Doutor ?

ARTHUR

E' infallivel. Recebi pelo ultimo correio da Côrte um maço enorme de cartas de meu pai, que alli se acha, recommendando a minha candidatura á maior parte dos eleitores.... Por outro lado, os seus numerosos amigos aqui.... tem trabalhado incançavelmente a meu favor.... O mesmo Presidente da Provincia apoia e se empenha pela minha pretenção. Eu sou justamente aquelle que menos se embaraça com a eleição. Entretanto, como já lhe disse, conto-a segura.

BARÃO.

Póde V. S. até deitar-se a dormir.... A influencia do senhor seu pai só ha de fazê-lo representante da nação.

ARTHUR.

Assim o espero e me ensoberbeço d'isso... Porém... *pardon*... Volto ao jardim, onde deixei os nossos amigos (*corteja e vai-se.*)

SCENA VIII.

O BARÃO *só.*

Eis-me diante de tres pretendentes á mão de minha filha E' na verdade notavel que espontaneamente se deliberassem a pedir-m'a todos n'um mesmo dia e um atrás do outro. Mas... são effeitos do acaso... e talvez a opportunidade da occasião os convidasse... E quem sabe... se aqui não anda calculo eleitoral?... Com effeito... promettendo eu a qualquer d'elles a mão de minha filha... ficava por isso na estricta obrigação de tomar a peito a candidatura do meu futuro genro. Nem é outra cousa.... Mas o Matheus Gonçalves.... metter-se-lhe-hia em cabeça apresentar-se tambem candidato?... Era o que faltava.... Emfim póde ser.... E este criançola.... que se eleva á sombra do pai.... poderia precisar de mim para semelhante fim? . Não... Este não é por tal motivo.... Talvez.... enganado pelo meu sumptuoso tratamento.... julga que tenho.... uma burra recheiada.... á sua espera. Tolo!... Ignora elle, e com elle muita gente, que a brilhante casaca de côrte ou a farda bordada do aristocrata titular ou do alto funccionario publico, ás mais das vezes está empenhada na loja visinha a um miseravel jurista.

SCENA IX.

O BARÃO, *e o* TENENTE CORONEL.

TENENTE CORONEL.

Estou fatigado.... fiz um estirado passeio, percorrendo em toda a sua extensão.... o longo jardim e pomar da tua chacara. (*Sentando-se.*)

BARÃO, *sentando-se tambem defronte delle.*

Sabes, Mauricio, de uma curiosa novidade ?

TENENTE CORONEL.

Dize lá.

BARÃO.

Considerei-te sempre o meu maior amigo.... portanto não tenho segredos para ti.

TENENTE CORONEL.

Isso é velho.... Pago-te na mesma moeda.

BARÃO.

Sei.... Ouve.... Tres differentes pessoas pedirão-me esta tarde a mão de minha filha.

TENENTE CORONEL.

Bravo !... Que trindade amatoria !... Pois está sabido que é o amor quem os move...

BARÃO.

Enganas-te.... é o interesse.

TENENTE CORONEL.

O interesse ?... Vai a melhor.... E quem são esses impios mercadejadores do hymeneu ?

BARÃO.

Adivinha.

TENENTE CORONEL.

Esta tarde.... Oh ! dar-se-ha caso que um delles fosse o Dr. Raymundo ?

BARÃO.

Não.

TENENTE CORONEL.

Logo forão o Dr. Taramela.... o Parisiense Arthur.... e o onzeneiro Matheus Gonçalves.

BARÃO.

Justamente.

TENENTE CORONEL.

Dizes bem que o interesse é quem os arrasta.

BARÃO.

Convens então comigo ...?

TENENTE CORONEL

O Matheus Gonçalves para ter entrada no rol da gente fina.... e talvez por um amor sobremodo tardio e menos puro.... O Viridiano por vistas eleitoraes.... O *petit-maitre* da França.... com a mira na tua supposta fortuna.

BARÃO.

E's um prodigio de perspicacia.

TENENTE CORONEL.

Ao traquejo do mundo a devo.

BARAO

E que dizes ?

TENENTE CORONEL.

Faze o que quizeres.

BARÃO.

Entre os tres, não ha que hesitar—o filho do Senador, em todo o caso....

TENENTE CORONEL.

Já fallaste á tua filha ?

BARÃO.

Ainda não.

TENENTE CORONEL.

Pois asseguro-te que ella recusará *in limine* todos os tres.

BARÃO.

Sim ?... E como sabes ?

TENENTE CORONEL.

Porque gosta de outro ?

BARÃO.

De outro ? !. Quem ?

TENENTE CORONEL.

Adivinha.

BARÃO.

Tu ?

TENENTE CORONEL, *rindo-se.*

Ah ! ah ! ah ! és o Napoleão dos ingenuos.... Bem diz o vulgo que o pai é o ultimo a saber.

BARÃO.

Quem é pois ?

TENENTE CORONEL.

O Dr Raymundo da Silva, meu Belisario paterno.

BARÃO.

Ah !

TENENTE CORONEL.

Então ?

BARÃO.

Não é máo partido.... Se sahisse deputado geral...

TENENTE CORONEL, *levantando-se.*

Ha de sahir.... sou eu quem t'o assegura.

BARÃO, *o mesmo.*

Veremos.

TENENTE CORONEL.

E se sahir ?

BARÃO.

Não escrupulisarei em dar-lhe minha filha.

TENENTE CORONEL.

Palavra de honra ?

BARÃO.

Palavra de honra.

TENENTE CORONEL.

Bom. Agora, outra cousa. Autorisas-me a responder, em teu lugar, aos tres pretendentes?

BARÃO.

Mas.... o que vais dizer-lhes?

TENENTE CORONEL.

Não é da tua conta.

BARÃO.

Não me vás comprometter.

TENENTE CORONEL.

Descança.... Hei de obrigá-los a fazer uma retirada honrosa.

BARÃO.

Dize-lhes que minha filha não aceita a nenhum d'elles.... porque não deseja desgostar os outros.... se o que me affirmas, é verdade....

TENENTE CORONEL.

Juro-t'o.

BARÃO.

Acredito.

TENENTE CORONEL.

Quanto ao que lhes hei de dizer.... fica a meu cuidado.

BARÃO.

Seja como tu quizeres.... Vê a confiança illimitada que em ti deposito.

TENENTE CORONEL.

Fico-te por isso profundamente obrigado. Sou o teu Orestes.

BARÃO.

E eu o teu Pylades.

TENENTE CORONEL, *estendendo-lhe a dextra com effusão.*

Amigos velhos.

BARÃO, *apertando-lh'a cordialmente.*

Como sempre. (*Dão-se os braços e sahem.*)

CAHE O PANNO.

ACTO II.

Gabinete particular; porta no fundo e lateraes; mobilia singela, mas de bom gosto; bibliotheca á direita, secretaria á esquerda.

SCENA I.

O TENENTE CORONEL, *só, sentado á secretária, acabando de escrever.*

Estão promptas.... E' um triplice *rendez-vous* sollicitado n'uma circular.... (*Lê.*) « Illm Sr. Encarregado pelo Exm. Sr. Barão de S. Vicente, meu amigo intimo, de communicar pessoalmente a V. S. a resposta devida ao pedido que V. S. se dignou fazer-lhe hontem, rogo-lhe o favor de, sem falta, hoje ás 4 horas da tarde, comparecer na sua chacara, onde me acharei ás ordens de V. S. Sou.... De V. S.... Attencioso servo e venerador.... Mauricio Nunes.» (*Representa.*) Fechemo-las, e remettamo-las, sem perda de tempo. (*Fecha as tres cartas que acaba de escrever. Subscriptando-as.*) Illm. Sr... Dr ?... Vá lá.... Dr. Viridiano Marques.... Sua casa.... De Mauricio Nunes.... Illm. Sr. Matheus Gonçalves.... Illm. Sr. Dr.... Arthur da Fonseca.... Muito bem. (*Toca a campainha. Apparece um criado.*) Toma estas cartas e leva-as em continente ao seu destino.... (*Sahe o criado.*) Vou-me rir com bastante gosto á custa d'estes meus senhores figurões da época.... A pilula que tenciono impingir-lhes vai faze-los andar n'uma roda viva.... A brincadeira não deixa de ser arriscada.... pois póde acontecer que nas aguas turvas algum d'elles consiga

pescar... o diploma.. de representante da nação.... e então terei posto em estreitos apuros o meu caro amigo Barão.... Mas.... não sei o que me diz que devo ficar tranquillo por esse lado.... Demais a candidatura de Raymundo está segura.... Ninguem senão elle será o deputado eleito.... Quanto á supplencia.... obtenha-a qualquer d'elles embora.... E' sempre uma derrota... Coragem pois.... e mãos á obra.... que muito se rirá quem se rir por ultimo !

— —

SCENA II.

O TENENTE CORONEL, *e* D. EUDOXIA.

D. EUDOXIA.

O Sr. Tenente Coronel está só ? Dar-se-ha caso que procurasse este gabinete deserto para meditar sobre a resolução de algum problema algebrico, ou gizar o plano de alguma producção poetica ?...

TENENTE CORONEL, *levantando-se.*

Nem uma nem outra cousa, minha senhora. Tecia pura e simplesmente o enredo de uma mystificação a tres parvos, e ria-me de antemão da cara desapontada de cada um delles.

D. EUDOXIA.

E poderia eu sem indiscrição saber como se chamão os tres individuos destinados a serem victimas do seu genio galhofeiro ?...

TENENTE CORONEL.

Diga V. Ex. antes interlocutores de uma divertida arlequinada.... Eu lhe conto—são tres pretendentes á mão da senhora sua sobrinha.

D. EUDOXIA.

De Guilhermina ? !

TENENTE CORONEL.

Sim, senhora.

D. EUDOXIA.

E são...?

TENENTE CORONEL.

Todos amigos ou frequentadores assiduos desta casa.

D. EUDOXIA.

O Dr. Viridiano...?

TENENTE CORONEL.

Melhor versão... o Dr. Taramela.

D. EUDOXIA.

Aceito.... O Dr. Arthur...?

TENENTE CORONEL,

Por outra.... *Mr. le docteur Fonseca.*

D. EUDOXIA.

E' mais apropriado....

TENENTE CORONEL.

Não, senhora, é como elle se assigna.

D. EUDOXIA.

Sim ?... E talvez, finalmente, o Sr. Matheus Gonçalves.

TENENTE CORONEL.

Sem tirar nem pôr. Acertou.

D. EUDOXIA.

E como soube V. S. que elles tem vistas casamenteiras sobre minha sobrinha ?

TENENTE CORONEL.

Porque já as manifestárão..... pedindo-a hontem á tarde em casamento ao meu amigo Barão.

D. EUDOXIA.

Devéras ?

TENENTE CORONEL.

E' como tenho a honra de dizer a V. Ex.

D. EUDOXIA.

Todos os tres... hontem mesmo ?

TENENTE CORONEL.

E' verdade.... um em seguida do outro.

D. EUDOXIA.

E o que lhes respondeu o mano ?

TENENTE CORONEL.

Autorisou-me a dar-lhes hoje, em seu lugar, a decisão promettida.

D. EUDOXIA.

V. S. ?

TENENTE CORONEL.

Eu mesmo, minha senhora.

D. EUDOXIA.

E o que pretende dizer-lhes.

TENENTE CORONEL.

Que o Sr. Barão está inabalavelmente resolvido a só conceder a mão de sua filha áquelle dos tres que for eleito deputado á Assembléa Geral.

D. EUDQXIA.

Mas dous delles se apresentão candidatos, e ambos

contão sahir deputado, triumphando sobre o seu adversario....

TENENTE CORONEL.

E o terceiro tambem se ha de apresentar.... á vista de um tal *ultimatum*.

D. EUDOXIA.

E então?... Se for eleito algum delles, como é natural?

TENENTE CORONEL.

Nenhum d'elles esposará a senhora sua sobrinha.

D. EUDOXIA.

Como assim?

TENENTE CORONEL.

Porque todos os tres vão ser *codilhados* na sua pretenção eleitoral.

D. EUDOXIA.

E quem será o deputado?

TENENTE CORONEL.

O Dr. Raymundo da Silva.

D. EUDOXIA.

De maneira que... é provavel então..

TENENTE CORONEL.

Não... senhora... é certo... o marido de D. Guilhermina ha de ser o Dr. Raymundo.

D. EUDOXIA.

Obterá portanto um duplo successo — eleitoral...

TENENTE CORONEL.

E amatorio.

D. EUDOXIA.

Se V. S. alcançar uma semelhante victoria na eleição...

TENENTE CORONEL.

Não sou eu quem a alcança, é o Dr. Raymundo quem a ganha pelos seus elevados talentos e numerosas sympathias de que goza.

D. EUDOXIA.

Será... o mais bello triumpho da intelligencia e do merito sobre a ineptidão e a impostura.

TENENTE CORONEL.

E uma formidavel lição que recebem os estultos figurões dos nossos dias...

D. EUDOXIA.

Como hão de ficar despeitados. !..

TENENTE CORONEL.

Quanto não me hei de rir !...

D. EUDOXIA.

V. S. é uma zombaria viva e perpetua contra os ridiculos da época.

TENENTE CORONEL.

E' que só a gargalhadas se podem levar os homens de hoje.

D. EUDOXIA.

E' uma deploravel verdade.

SCENA III.

OS MESMOS, *e* MATHEUS.

MATHEUS, *entrando.*

Dá licença, minha senhora ?...

D. EUDOXIA.

Oh ! o Sr. Matheus Gonçalves.... Como passa ?

MATHEUS.

Como sempre.... perfeitamente bem. Boa tarde, Sr. Tenente Coronel.... Recebi a sua carta e aqui estou.

TENENTE CORONEL.

Ah !... Veio logo.... (*A' parte.*) D'onde concluo que é o unico namorado.

MATHEUS.

Bem vê que.... o negocio.... é urgente.... Tenho pressa em saber....

TENENTE CORONEL.

Sentemo-nos. (*Sentão-se. Durante este tempo, D. Eudoxia tem ido á bibliotheca, tira um livro, senta-se á alguma distancia dos dous e começa a lêr.*)

MATHEUS.

Com que.... o Sr. Barão.... encarregou-o de me dar a resposta ao pedido que hontem tive a honra de lhe dirigir ?

TENENTE CORONEL.

E' verdade.... tal qual lhe fiz sentir na minha missiva.

MATHEUS.

Far-me-ha o favor de dizer... qual é essa resposta..?

TENENTE CORONEL.

Em duas palavras. O Sr. Barão consultou a senhora sua filha, e esta francamente declarou que muito se lisongeava com a sua proposta e a aceitou...

MATHEUS, *com explosão.*

Aceitou, hein ? !.. E' possivel ? !..

TENENTE CORONEL.

E' como lhe digo. Mas...

MATHEUS.

Mas..?

TENENTE CORONEL.

O Sr. Barão impõe uma condição á realisação d'este casamento : é que elle só poderá ter lugar se V. S. se apresentar candidato á proxima eleição de deputados geraes e fôr eleito representante da nação.

MATHEUS.

Que me diz ? !.. Pois elle impoz essa condição?!.. Mas se elle já me tinha dito hontem...

TENENTE CORONEL.

Estou-lhe transmittindo fielmente a sua resposta.

MATHEUS.

Oh ! meu Deus !.. eu, candidato !.. eu, deputado !... Começar a trabalhar agora.... tão tarde.... nas vesperas da eleição !...

TENENTE CORONEL.

Isso não faz mal.... Todo o tempo é tempo para as

verdadeiras influencias.... Permitta ainda que o previna de que V. S. luta contra dous rivaes....

MATHEUS.

Dous rivaes ? !,. Como assim ?... quem são elles ?

TENENTE CORONEL.

Os Srs. Arthur da Fonseca e Viridiano Marques.

MATHEUS.

Dous doutores !

TENENTE CORONEL.

Diga antes um bacharel e um rabula.

MATHEUS.

Tem razão.

TENENTE CORONEL.

Elles tambem pedirão a mão da Sra. D. Guilhermina ao meu amigo Barão.

MATHEUS.

Pedirão ? !

TENENTE CORONEL.

Na mesma tarde em que V. S. o fez.... E o Barão impoz-lhes a mesma condição que a V. S.

MATHEUS.

E a Sra. D. Guilhermina ?

TENENTE CORONEL.

Está por ella.

MATHEUS.

De fórma que.... só será o noivo aquelle que for eleito deputado ?

TENENTE CORONEL

Justamente.

MATHEUS, *levantando-se e como que entre dentes.*

E então ?... que me dizem a esta ? !.. Estou mettido em boas.... Mas não ha remedio.... (*Animando-se progressivamente*).... Vou apresentar-me candidato.... Já e já vou tratar disto.... Envidarei todos os meus esforços.... esgotarei todos os meios.... Pedirei pessoalmente, empenhar-me-hei com meus amigos.... e devedores.. . Gastarei dinheiro.... (*Hesitando.*) Dinheiro ?.. Sim.... dinheiro.... ás mãos cheias, se fôr preciso.. . E' questão de capricho.... questão de amor proprio.... e trata-se de obter a mão da mulher a quem amo.... amo mais talvez do que todo o meu ouro,... Hei de vencer.... hei de triumphar ... por força !... e meus competidores.... e rivaes.... (*Com raiva concentrada*).... Rivaes !... hão de ficar postos á margem. (*Passêa agitado.*)

TENENTE CORONEL, *observando-o á parte e sorrindo-se.*

Ei-lo preoccupado.... e inflammando-se para o combate.... Este não ha de recuar. Dous moveis poderosos o arrastão.... Uma paixão desassizada de velho celibatario e avarento.... um amor a Jacques Ferrand... e a ambição vaidosa de fazer uma alliança aristocratica.... Interessante vai ser o espectaculo d'esta alma, até aqui ossificada pelo contacto do ouro, acordada hoje de seu longo lethargo á sensibilidade humana, pelas duas mais vehementes paixões da vida—o amor e a ambição.

MATHEUS, *á parte.*

Não me resta tempo a perder.... Vou começar a *cabalar*.... ou antes tentar sobre os meus adversarios todos os *furos* que forem necessarios para a minha eleição. (*Pega no chapéo.*)

TENENTE CORONEL.

Então já se retira ?

MATHEUS.

Corro a dar principio á minha empreitada.

TENENTE CORONEL.

Mas encete-a aqui.... Não vê alli.... uma potencia eleitoral ? (*Apontando para D. Eudoxia.*)

MATHEUS, *á meia voz.*

Quem ?... D. Eudoxia ? Pois ella....

TENENTE CORONEL.

Tem influencia sobre muitos dos eleitores... E' uma senhora honrada com numerosas e excellentes amizades.....

MATHEUS.

E quererá servir-me ?

TENENTE CORONEL.

Está claro.... Deve até interessar-se pela sua candidatura.... V. S. digna-se pretender a mão de sua sobrinha.

MATHEUS.

Diz bem.... Vou-lhe fallar antes que os meus competidores se me adiantem. (*Dirige-se para D. Eudoxia,*)

— —

SCENA IV.

OS MESMOS *e a* CONDESSA, *pelo braço de Viridiano*

CONDESSA.

Boa tarde, D. Eudoxia..... Meus senhores....

D. EUDOXIA, *levantando-se e apertando a mão á Condessa e a Viridiano.*

Como está, Condessa ?... E V. S., Sr. Dr. ?

VIRIDIANO.

Bem, obrigado, minha senhora.... Meus senhores.... tenho o prazer de comprimentá-los.

TENENTE CORONEL, *inclinando-se.*

E eu o de ve-lo repleto de saude.

MATHEUS, *á parte, contrariado.*

E eu o pezar de não ve-lo morto !..

CONDESSA.

D. Eudoxia, encaminhava-me para a sua chacara no meu carro.... quando avistei o nosso amigo, o Dr. Viridiano, que para aqui tambem se dirigia a pé. Não pude resistir ao desejo de convidá-lo a vir na minha companhia.

D. EUDOXIA.

Fez muito bem.

VIRIDIANO.

Sr. Tenente Coronel, obedeci em continente ao seu convite, e eis-me aqui preparado para ouvir a minha sentença.

TENENTE CORONEL.

Diga, pelo contrario, a noticia da sua ventura.

VIRIDIANO.

Deveras ? !

MATHEUS, *passeando no fundo.*

Chegárão á pessima hora estes importunos !... Não sei agora quando poderei fallar a sós com D. Eudoxia.... Mas elles não se hão de anticipar !...

TENENTE CORONEL.

O meu amigo Barão encarregou-me de lhe dizer que V. S. está servido..... Consultou á Sra. D. Guilhermina e ella se sente disposta a recebê-lo por esposo.

VIRIDIANO.

Nem eu devia esperar outra cousa, não acha ?.. A alliança proposta era um excellente partido.

TENENTE CORONEL, *continuando.*

Depende, porém, esta união do preenchimento de uma condição *sine qua non* imposta pelo Barão, e pela Sra. D. Guilhermina aceita : a de V. S. ser eleito deputado geral na proxima eleição.

VIRIDIANO.

E' só isso ?... muito bem.... Desde já me reputo o noivo da Sra D. Guilhermina.

TENENTE CORONEL, *á parte.*

Que segurança !... Dar-se-ha caso que falhem as minhas previsões ?

VIRIDIANO, *á parte.*

Convém-me aparentar esta tranquilidade, para qne se não ponha em duvida a minha eleição.

TENENTE CORONEL, *alto.*

Esquecia-me de lhe communicar que o Barão me assegurou que d'esta vez se não empenha a favor de nenhum dos candidatos. Fez firme proposito de guardar a mais completa neutralidade na eleição pendente.

VIRIDIANO, *sorpreso.*

Que me está dizendo?! (*A' parte, com desapontamento.*) E eu que, a titulo de futuro genro, contava com a sua coadjuvação!

TENENTE CORONEL.

E a razão é olvia. V. S. tem dous rivaes, que pedirão a mão do Sra D. Guilhermina na mesma tarde em que V. S. se dignou faze-lo, e o Barão respondeu favoravelmente a seu pedido, impondo-lhes, porém, identica condição, devendo assim ser o marido da Sra. D. Guilhermina aquelle a quem a urna eleitoral mimosear com as suas graças.

VIRIDIANO.

E quem são esses outros pretendentes?

TENENTE CORONEL.

O Sr. Matheus Gonçalves e o Dr. Arthur.

VIRIDIANO, *com admiração.*

Oh!

CONDESSA, *voltando-se para Viridiano.*

O Sr. Doutor parece contrariado ?

VIRIDIANO, *forcejando por sorrir-se.*

Qual ! minha senhora.... Sempre o mesmo. No supremo gozo da mais perfeita calma.

CONDESSA.

Em épocas de eleição.... os candidatos perdem o socego de espirito.

VIRIDIANO, *vivamente e com arrogancia.*

Não eu, Sra. condessa do Anhangabahú ; tenho a minha candidatura apoiada nas mais firmes bases.

MATHEUS, *á parte.*

Olhem que bazofia...! Veremos quem ha de ser eleito.... meu doutor das duzias....!

VIRIDIANO, *o mesmo.*

Se eu podesse praticar a sós com D. Eudoxia.... Ella poderia supprir-me a falta do irmão.... e ajudar-me bastante na minha pretenção eleitoral....

MATHEUS, *o mesmo.*

Ora quando hei de eu pilhar a D. Eudoxia desacompanhada ?... Estes importunos !...

CONDESSA, *a D. Eudoxia.*

Sua Ex.... o Sr. Barão.... onde está ?

D. EUDOXIA.

No salão.... lendo os jornaes ultimamente chegados da côrte.

TENENTE CORONEL, *offerecendo o braço á Condessa.*

Deseja vê-lo, minha senhora ?

CONDESSA.

Sim.... se me faz o obsequio... (*Tomando-lhe o braço.*) Com licença, D. Eudoxia. (*Baixo ao Tenente Coronel.*) Vou sollicitar o apoio do Barão á candidatura do meu sobrinho Eduardo.

TENENTE CORONEL.

Ah ! (*A' parte.*) Mais outro.... é uma inundação de pretendentes ! (*Sahem pela esquerda conversando.*)

SCENA V.

D. EUDOXIA, MATHEUS e VIRIDIANO.

MATHEUS, *á parte.*

Ei-la quasi só....

VIRIDIANO, *o mesmo.*

Parece qne se me offerece o ensejo de dirigir-lhe o meu pedido.

D. EUDOXIA, *á parte, observando-os.*

Os actores da arlequinada a que alludio o Tenente Coronel.... começão a se mover.... Adivinho-lhes o intento.

MATHEUS, *á parte.*

E o tal rabula.... que não se vai....? Querem ver que elle já lhe quer fallar....

VIRIDIANO, *o mesmo.*

E aquelle Lovelace em ruinas.... que se não retira?.. Dar-se-ha caso que tivesse a minha idéa ?

MATHEUS, *approximando-se de D. Eudoxia de um lado.*

D. Eudoxia....

VIRIDIANO, *o mesmo, do lado opposto.*

Minha senhora....

D. EUDOXIA, *voltando-se successivamente para um e para outro lado.*

Sr. Matheus.... Sr. Doutor....

MATHEUS.

Desejava dizer duas palavras em particular a V. Ex.

VIRIDIANO.

Preciso urgentemente occupar a attenção de V. Ex. por alguns instantes, mas á sós... se faz favor.

MATHEUS, *dirigindo-se a Viridiano e como que sollicitando a sua retirada do gabinete.*

Com licença...

VIRIDIANO, *o mesmo a Matheus.*

Queira desculpar...

MATHEUS, *notando que Viridiano fica.*

Qual!

VIRIDIANO, *vendo que Matheus não se retira.*

Nada!

D. EUDOXIA.

O que me quer, Sr. Matheus?.. O que deseja de mim, Sr. Dr.?

MATHEUS, *a Viridiano, insistindo.*

O Sr. Dr. ha de permittir...

VIRIDIANO, *a Matheus, o mesmo.*

O Sr. Matheus, terá a bondade...

D. EUDOXIA.

Penso que VV. SS. desejão ambos conversar comigo?

OS DOUS *a um tempo.*

E' verdade.

D. EUDOXIA.

Pois dignem-se fallar... Eu os escuto.

MATHEUS, *á meia voz á D. Eudoxia.*

Mas é segredo...!

VIRIDIANO, *o mesmo.*

O meu negocio não póde ser ouvido por terceira pessoa.

D. EUDOXIA, *alto.*

Pois bem ! visto que o assumpto de que cada um de VV. SS. pretende entreter-me.... não póde ou não deve ser ouvido pelo outro.... dirigir-me-hei primeiramente a um, e depois ao segundo.

MATHEUS.

Com tanto que eu seja o primeiro....

VIRIDIANO.

Se eu for ouvido antes do Sr. Matheus.... consinto.

D. EUDOXIA.

Mas isto assim não é possivel.... ter um paradeiro.... Ou hei de ouvir a VV. SS. cada um por seu turno, e na ausencia um do outro.... ou devo ouvi-los os dous ao mesmo tempo, estando ambos presentes.

MATHEUS.

Pois que seja na presença um do outro.

VIRIDIANO.

Sim..... já que não ha outro remedio.

D. EUDOXIA.

Tem a palavra o Sr. Matheus Gonçalves.

MATHEUS.

Exm. Sra., o que eu desejo, expo-lo-hei em poucas palavras. Sollicito da sua nimia bondade o precioso favor de V. Ex. se interessar pela minha candidatura á deputação geral.

D. EUDOXIA.

Ah ! V. S. tambem se apresenta candidato....

VIRIDIANO, *interrompendo-a, sequioso por fallar.*

E eu, Sra. D. Eudoxia....

D. EUDOXIA, *sorrindo-se.*

Sr. Dr. Viridiano, eu ainda não lhe havia concedido a palavra.

VIRIDIANO.

Perdão, Exm. Sra.... Mas eu tambem vou expender n'uma breve allocução a minha pretenção junto de V.

Ex.... Ouso aspirar igualmente á gloria de ser honrado com a alta e poderosa coadjuvação de V. Ex. na minha candidatura eleitoral.

D. EUDOXIA.

Ambos com o mesmo desejo.... impossivel de ser satisfeito simultaneamente em favor dos dous !

MATHEUS.

E' por isso que eu desejava fallar á V. Ex. em particular.... e antes delle.

VIRIDIANO.

Eis a razão porque eu pedia á V. Ex. uma audiencia secreta, em primeiro lugar.

D. EUDOXIA.

Mas n'este caso.... já vêem VV. SS. que me é absolutamente impossivel servi-los.... Não quero sacrificar a nenhum de VV. SS., portanto impraticavel se torna de minha parte todo e qualquer passo em prol de um ou outro.... a menos que algum de VV. SS. se contente com a supplencia.

MATHEUS, *com vivacidade.*

Nada.... nada de supplencia....

VIRIDIANO, *o mesmo.*

A deputação em todo caso.... quero só a deputação.

D. EUDOXIA.

A' vista d'esta uniformidade de aspirações... sou forçada a resignar o prazer de auxiliá-los na sua candidatura.

MATHEUS *á parte.*

Ora aqui está o resultado da minha imprudencia. Este maldito Taramela !...

VIRIDIANO, *o mesmo*

Fi-la boa !... por causa d'aquelle *unhas de fome* '

D. EUDOXIA.

Com licença.... meus senhores.

(*Corteja-os e sahe.*)

— —

SCENA VI.

MATHEUS *e* VIRIDIANO.

MATHEUS, *á parte.*

Não sei.... o que hei de dizer a um semelhante desmancha-prazeres.... a um tal.... vendedor de bullas falsas....

VIRIDIANO, *o mesmo.*

Está-me dando seria vontade de chegar-me a este avô dos candidatos.... e dizer-lhe nas bochechas que é um parvo !

MATHEUS, *resolvendo-se.*

Sr. Viridiano...?

VIRIDIANO, *com máo modo, olhando-o de través.*

V. S. chamou-me ?

MATHEUS, *arrependendo-se.*

Não, senhor.... Foi engano seu, de certo. (*A' parte.*) Vejão que malcriado !

VIRIDIANO, *voltando-se subito para Matheus.*

Sabe V. S. o que mais, Sr. Matheus Gonçalves ?... Esta sua conducta não póde nem deve continuar.... E' preciso que V. S. deixe de se atravessar no caminho das minhas explorações eleitoraes....

MATHEUS.

Eu atravessar-me no caminho.... das suas... suas... o que ?

VIRIDIANO.

Explorações eleitoraes.

MATHEUS, *tentando pronunciar, engoróla.*

Ex....pro....la....ções eleitoraes ?,.. Pois não foi V. S. quem me impedio de angariar uma protectora.... á minha candidatura ?

VIRIDIANO.

V. S. acredita deveras que lhe é licito conceber esperanças ?

MATHEUS.

Como diz ?

VIRIDIANO.

Digo se V. S. espera seriamente sahir eleito deputado.

MATHEUS.

E que lhe importa, a V. S., isso ?.. Trabalhe, no que já faz muito, para não sahir derrotado, o que é certo.

VIRIDIANO, *com ar de affectada bonhomia.*

O Sr. Matheus Gonçalves dá licença..?

MATHEUS.

Diga.

VIRIDIANO.

Dá licença que lhe falle com franqueza ?

MATHEUS.

Falle.

VIRIDIANO.

V. S. está laborando n'uma perfeita illusão... Procurárão-n'o persuadir de que V. S. estava no caso de se propor candidato... para... para... V. S. bem sabe para que.

MATHEUS.

Nós bem sabemos para que.

VIRIDIANO.

Pois bem !.. (*Continuando.*)... E V. S. comeu a peta... Zombárão redondamente com V. S.

MATHEUS, *zangado.*

Sr. Viridiano !

VIRIDIANO.

Creia que me estou expressando com toda a lisura.

MATHEUS.

Sr. Viridiano... V. S. ... o senhor... é... um grande atrevido !

VIRIDIANO.

V. S. me insulta, Sr. Matheus ?

MATHEUS.

Tome como quizer... E accrescento que hei de vê-lo derrotado. Vou-me agarrar com os eleitores... Gastarei dinheiro... muito dinheiro, se for preciso, ouvio?.. Trabalharei noite e dia... E se não pudér conseguir promessas infalliveis á minha eleição, empenhar-me-hei, ao menos, para que elles lhe rôão a corda... O Sr. ha de ser horrivelmente *furado !..* Será esta a minha vingança.

VIRIDIANO.

Menos o meu grupo de eleitores... Com estes V. S. não póde... São creaturas minhas.

MATHEUS.

Veremos. O dinheiro póde tudo hoje em dia.

VIRIDIANO, *á parte.*

O facto é que o homem está-me dando cuidado... Se elle lança mão do dinheiro... o resultado torna-se duvidoso... Mesmo os meus eleitores... Não ponho por elles a minha mão no fogo. Tentemos negociar... não ha outro remedio. (*Alto.*) Sr. Matheus?

MATHEUS, *bruscamente.*

O que é?

VIRIDIANO, *á parte.*

Grosseirão! (*Alto.*) Deixemo-nos de *debates* azedos... Isto não é proprio de homens da nossa cathegoria... Tratemos do negocio, como pessoas sisudas e bem educadas, quaes somos... (*Mudando de tom.*) Quer V. S. prestar-se a uma transacção?

MATHEUS, *voltando ás boas pouco a pouco.*

Uma transacção, diz V. S...? Conforme.

VIRIDIANO.

E' a seguinte. V. S. desistirá da sua pretenção á deputação, e se contentará com a supplencia, e eu lhe

prometto, caso seja eleito deputado e V. S. supplente, renunciar em seu favor á mão da Sra. D. Guilhermina.

MATHEUS.

Homem! deixe-me pensar. *(Põe-se a reflectir. De improviso.)* Nada... nada... não quero... Deixemo-nos de transacções.

VIRIDIANO.

Porque?

MATHEUS.

Porque V. S... pilhando-se deputado... póde esquecer o promettido... e vir assim a andar a dous carrinhos... isto é, chuchar os cobres da Nação e casar com a moça.

VIRIDIANO.

V. S. então não confia em mim?.. Dou-lhe minha palavra de honra.

MATHEUS.

Ora adeos!.. Não me lembro a quem ouvi dizer que em tempos de eleições suspendem-se as garantias da probidade... Por outro lado, o Sr. Barão de S. Vicente, que foi quem nos impoz a condição, não estaria por este nosso ajuste, e quem viria a lucrar, em todo caso, seria V. S. ... Conseguintemente.., nada temos feito... Trabalhe V. S. por sua parte, que eu trabalharei pela minha, e feliz d'aquelle que merecer as boas graças da urna eleitoral.

VIRIDIANO.

Já que assim o quer... faça-se a sua vontade.

— —

SCENA VII.

OS MESMOS, TENENTE CORONEL, *e* ARTHUR *no fundo, conversando á meia voz.*

TENENTE CORONEL.

E' como lhe digo, o Barão tem altas aspirações. Não quer casar a filha senão com um deputado geral... E' a condição imposta a todo pretendente...

ARTHUR.

Bah !.. E' cousa facil de obter-se... Conto com segurança ser o deputado eleito... Entretanto, á vista d'esta decisão, como tenho grande interesse n'essa alliança... por excesso de previdencia... vou tambem trabalhar... Começarei desde hoje a *cabalar*... em favor da minha candidatura.

TENENTE CORONEL.

Sim... é prudente... Olhe, alli estão dous... (*Apontando para Matheus e Viridiano, com intenção.*)

ARTHUR, *vendo-os e comprehendendo.*

C'est vrai... Ambos... pódem servir-me... um pela sua influencia metallica, o outro com o seu grupo de eleitores.

TENENTE CORONEL.

Cumpre-me, porém, advertil-o...

ARTHUR, *interrompendo-o com pressa.*

Nada mais precisa dizer-me... Tenho finura bastante para sabê-los levar .. *J'ai le savoir-faire.* (*Apertando-lhe a mão.*) Obrigado... Até logo... (*Dirige-se para a frente da scena.*)

TENENTE CORONEL, *á parte.*

E não quiz ouvir o resto... Ignora que os dous são seus rivaes... Mas elles mesmos se encarregarão de lh'o dizer... Aviem-se. (*Sahe.*)

— —

SCENA VIII.

OS MESMOS, *menos o* TENENTE CORONEL.

ARTHUR, *cortejando a Matheus e Viridiano.*

Meus Srs... *votre serviteur*... Sr. Dr. Viridiano Marques... (*Aperta-lhe a mão.*)... Sr. Matheus Gonçalves... (*O mesmo.*)... Como passão ?

VIRIDIANO, *secco.*

Bem, e V. S. ?

MATHEUS, *com máo humor.*

Cá por mim, passo sem novidade. (*Faz gesto de retirar-se.*)

ARTHUR.

A' merveille... meus amigos... (*Chamando a Matheus.*) Sr. Matheus... faz favor.? (*Viridiano pega no chapéo e se dirige para a porta. Arthur chama-o.*) Sr. Dr. ... duas palavras...

MATHEUS.

Que me quer ?

VIRIDIANO.

Estou ao seu dispôr.

ARTHUR

J'ai besoin de fallar com VV. SS. ...

MATHEUS, *interrompendo-o.*

Não o entendo.

ARTHUR.

Preciso conversar com VV. SS. ..., mas cada um por seu turno. Primeiramente com o Sr. Dr. Viridiano... Faz-me o obsequio... (*Chamando-o á parte.*)

VIRIDIANO, *á parte.*

Que quererá elle ?

MATHEUS, *á parte, scismando.*

Fallar com os dous ao mesmo tempo... mas em se-

gredo !... Isto traz agua no bico... Esperemos que chegue a nossa vez.

ARTHUR, *baixo, a Viridiano.*

Sr. Dr., sabendo da sua reconhecida influencia em materia de eleições, animo-me a fazer-lhe um pedido.

VIRIDIANO, *á parte.*

Um pedido a mim... seu competidor e rival ? ! E' extraordinario !

ARTHUR. *continuando.*

Ou propor uma transacção, como á V. S. mais convier... Prometta-me conseguir dos seus eleitores que votem em mim para deputado geral... que eu me empenho a lhe arranjar outros tantos votos do meu partido para a supplencia... se tantos lhe forem necessarios.

VIRIDIANO.

V. S. está gracejando, Sr. Dr. Arthur ?

ARTHUR.

Não, Sr. Dr. Viridiano, fallo o mais seriamente possivel — *trop sérieusement.*

VIRIDIANO.

Pois V. S. não sabe que eu tambem me proponho candidato á deputação... e que tambem pedi ao Sr. Barão a mão de sua filha ?

ARTHUR.

Como ? !.. V. S. pedio ao Sr. Barão a mão de sua filha ?

VIRIDIANO.

Faça-se de novas... (*Mudando de tom.*) Ora, Sr. Dr., não queira fazer os outros de tolos. (*Vira-lhe as costas.*)

ARTHUR.

E esta ?!.. Elle tambem pedio a D. Guilhermina em casamento!.. Um rival !.. Isto ignorava eu... E pelo que pude deprehender das suas palavras, parece que o Barão impoz-lhe a mesma condição... Porque, ao contrario, para que fallar-me n'isso ?.. Pois havemos de ver quem ha de ser... o deputado e o marido de *la jeune fille*... meu pseudo-Doutor... *soi-disant Docteur*. (*Chegando-se para Matheus, e á meia voz.*) Agora nós... caro Sr. Matheus...

MATHEUS, *á parte.*

Ei-lo comigo ! (*Alto.*) V. S. póde fallar.

ARTHUR.

A despeito de V. S. nunca se haver envolvido em eleições...

MATHEUS.

Mas envolvo-me agora... E' a mesma cousa.

ARTHUR.

Que diz? V. S. toma parte na proxima eleição?

MATHEUS.

Então V. S. não o sabe?

ARTHUR.

Agora o estou sabendo... Tanto melhor... Podemos effectuar qualquer arranjo.

MATHEUS.

Não admitto arranjo nenhum... decididamente.

ARTHUR.

Pois bem! mas interesse-se pela minha candidatura... V. S. tem tudo a esperar de mim... Meu pai, como sabe, dá as cartas. .

MATHEUS.

Que me importa a mim o Sr. seu pai?.. Hei de ser eu o deputado.., e sou eu quem se ha de casar com a filha do Barão... Tenho dito.

ARTHUR.

Casar-se com a filha do Barão? !.. V. S. tambem a pretende?.. E tambem quer ser deputado? Cada vez melhor.

MATHEUS.

V. S. quer saber de uma cousa ? (*Dando-lhe as costas.*) Sou um seu criado.

ARTHUR, *alto.*

Bravo ! perfeitamente bem. Somos, como se costuma dizer em velho portuguez, tres cães a um osso... Pois, meus senhores, mãos á obra !.. trabalhe cada um de nós como o quanto pudér... e o assento na Camara dos Deputados, e a burra... quero dizer .. a filha do Barão espera o vencedor. *Parbleu !*

VIRIDIANO.

A' guerra !

MATHEUS.

Havemos de ver quem ganha.

ARTHUR.

Tenho mathematica certeza de que hei de ser eu.

VIRIDIANO.

Pois juro-lhes que desde já se pódem reputar derrotados.

MATHEUS.

Que presumpção !.. Onde está o dinheiro cessa tudo.

ARTHUR.

O patronato é o quinto poder do Estado.

VIRIDIANO.

O verdadeiro prestigio, quero dizer, o prestigio pessoal é a melhor arma de eleições.

MATHEUS.

Affirmo-lhes que hei de ser eu quem ha de triumphar.

ARTHUR.

Eu lhes prometto que hei de ser o deputado e o noivo.

VIRIDIANO.

E eu aposto a minha cabeça em como os hei de supplantar a ambos...

SCENA IX.

OS MESMOS, *e* GUILHERMINA.

GUILHERMINA.

Boa tarde... meus senhores.

MATHEUS, *cortejando-a.*

Sra. D. Guilhermina....

VIRIDIANO, *idem.*

Minha senhora....

ARTHUR, *idem*

Um humilde servo de V. Ex.

GUILHERMINA.

Conversavão tão animados...

VIRIDIANO.

E' verdade.

MATHEUS.

Havia razão para isso.

ARTHUR.

V. Ex. não o ignora.

GUILHERMINA.

Eu.... pelo contrario.... Sr. Dr. Arthur... ignoro-o completamente.... ou antes não posso adivinhar.... qual o motivo d'esse calor....

VIRIDIANO.

Calor produzido por uma dupla causa.

MATHEUS.

Por duas febres.... (*A' parte.*) A da eleição... e a do amor !

ARTHUR.

Quanto a mim.... elle tirava a sua origem de um só fóco.... A paixão a mais pura e viva....

GUILHERMINA.

Não os comprehendo.

ARTHUR.

Digne-se V. Ex. ser mais franca.

VIRIDIANO.

Ou menos gracejadora....

MATHEUS.

Ou mais apiedada....

GUILHERMINA.

Cada vez menos os entendo.... VV. SS. são tres enigmas personificados.

ARTHUR.

Permitta V. Ex. que lhe observe que é de uma excentricidade rara na negociação do seu casamento....

GUILHERMINA.

Na negociação do meu casamento? !

VIRIDIANO.

Sujeitando-se submissa á prova imposta pela arbitrariedade paterna....

MATHEUS.

E' evidente signal de que.... todos lhe somos indifferentes....

GUILHERMIÑA.

Senhores.... queirão fazer o favor de se explicar.... VV. SS. fallão do meu casamento... de arbitrariedade

paterna.... de cousas emfim de que nada sei.... Exijo uma explicação.... sob pena de eu acreditar que VV. SS. me tomárão para seu ludibrio.

ARTHUR.

Pardon.... minha senhora.... nós pelo contrario....

VIRIDIANO.

Longe de nós semelhante pensamento.... Tributamos ....eu, pela minha parte.... tributo á V. Ex. todo o respeito e a mais seria estima.... Mas é que....

MATHEUS.

Exm. Sra... Supplico-lhe que se digne acreditar que eu sou incapaz de gracejar com V. Ex... Entretanto...

GUILHERMINA, *a Arthur.*

Pois bem ! Explique-me V. S. o que isto quer dizer, Sr. Doutor...

(*Apparece o Tenente Coronel á porta do fundo.*)

ARTHUR.

Minha senhora... apezar de me julgar n'esta occasião o objecto de uma innocente, mas para mim bastante sensivel brincadeira da parte de V. Ex , vou em continente obedecê-la e significar-lhe as nossas intenções n'este momento. (*Pausa.*) Exm. senhora, havendo pedido todos os tres a mão de V. Ex, ao senhor seu pai, por elle nos foi mandado declarar que só a daria áquelle de nós que fosse eleito deputado na proxima eleição geral... Soubemos mais que V. Ex. annuio a esta condição...

GUILHERMINA.

Eu, Sr. Dr. Arthur ? !

VIRIDIANO.

Assim m'o asseguraráo....

MATHEUS.

E a mim tambem.

GUILHERMINA.

E' falso.

OS TRES, *a um tempo.*

E' falso ? !

GUILHERMINA.

Nem fui consultada por meu pai a esse respeito. N'este momento é que estou sabendo do passo, relativo á minha pessoa, que VV. SS. dérão junto d'elle.

VIRIDIANO.

Então o Tenente Coronel.... enganou-me !

MATHEUS.

Elle foi quem tambem me disse....

ARTHUR.

Foi o mesmo que me communicou, em nome do Barão, a sua resposta favoravel ao meu pedido....

GUILHERMINA.

Resposta de meu pai ? ! E' impossivel !

ARTHUR.

Lâche farceur !

VIRIDIANO.

E' preciso que elle nos explique....

MATHEUS.

Vou já procural-o. (*Vai a sahir.*)

SCENA X.

OS MESMOS, *e o* TENENTE CORONEL.

TENENTE CORONEL, *descendo a scena.*

Não é preciso, aqui estou.

VIRIDIANO.

V. S. ha de ter a bondade de nos dizer, Sr. Tenente Coronel.... porque é que, nada sabendo a Sra. D. Guilhermina acerca das nossas pretenções a seu respeito, V. S. não hesitou em nos affirmar que ella tinha annuido á condição imposta pelo Sr. Barão.

MATHEUS.

E me asseverou que ella consentia em me aceitar por esposo....

ARTHUR.

Sim, Sr. Tenente Coronel, é preciso que V. S. explique isto.

TENENTE CORONEL.

Nada mais facil. Havendo-me recommendado o meu amigo Barão que eu assim procedesse, como fiel mandatario, não excedi ás suas instrucções.

VIRIDIANO.

E que interesse teria o Sr. Barão em nos enganar... mandando-nos certificar um facto que não era verdadeiro ?... (*A' parte.*) Isto não é natural.

ARTHUR, *á parte.*

C'est étrange !

MATHEUS, *o mesmo.*

Aqui não reina boa fé.

TENENTE CORONEL, *baixo, a Guilhermina.*

D. Guilhermina.... responda affirmativamente... ao que eu lhe vou perguntar.

GUILHERMINA, *o mesmo, ao Tenente Coronel.*

Mas.... trata-se de negocio serio....

TENENTE CORONEL, *o mesmo.*

Não importa.... fica por minha conta.... Juro-lhe que d'ahi lhe não resultará mal algum.

GUILHERMINA, *o mesmo.*

Está bem.... Fio-me em V. S.

TENENTE CORONEL.

Meus senhores, quando o Barão respondeu, por intermedio de minha pessoa, aos pedidos de VV. SS., não havia com effeito consultado ainda a Sra. D. Guilhermina, mas isso porque de antemão contava com o seu pleno consentimento á decisão por elle formulada.

MATHEUS.

Sim ?

VIRIDIANO.

Deveras ?

ARTHUR.

C'est possible ?

TENENTE CORONEL.

Mas ella acaba, n'este momento, de declarar-me que annúe inteiramente á vontade de seu pai. Não é isto exacto, Sra. D. Guilhermina ?

GUILHERMINA, *disfarçando o riso.*

E' verdade.

VIRIDIANO, *a Guilhermina, concluindo.*

Logo....

ARTHUR, *continuando.*

....Será o noivo de V. Ex ...

MATHEUS, *terminando o pensamento.*

....Aquelle d'entre nós que fôr eleito deputado.

TENENTE CORONEL.

Não é verdade, Sra. D. Guilhermina ?

GUILHERMINA.

Sim, senhores.

ARTHUR.

Bravo !

VIRIDIANO.

Magnifico !

MATHEUS.

Que felicidade a do vencedor !

ARTHUR.

A campo, pois, meus senhores !

VIRIDIANO.

A's armas !

MATHEUS.

A' cabala!

ARTHUR, *cortejando.*

Passe bem, Sra. D. Guilhermina.... Sr. Tenente Coronel. *(Sahe.)*

VIRIDIANO, *o mesmo.*

Sra. D. Guilhermina... até mais vêr... A's suas ordens, Tenente Coronel. *(Idem.)*

MATHEUS, *o mesmo.*

Exm. Sra... até o dia da victoria... Sr. Tenente Coronel, adeos. *(Idem.)*

— —

SCENA XI.

O TENENTE CORONEL, *e* GUILHERMINA

TENENTE CORONEL, *disparando a rir.*

Ah! ah! ah! Ah! ah! ah!.. Optimamente succedido!.. Que triumvirato de ratões!

GUILHERMIÑA.

V. S. é um terrivel discipulo de Democrito.

TENENTE CORONEL.

Qual! D. Guilhermina, sou apenas um sincero apreciador do lado burlesco da vida.

GUILHERMINA.

Faz-me o obsequio de seu braço...

TENENTE CORONEL, *offerecendo-lh'o.*

Com o maior prazer. (*Rindo-se.*) Ah! ah! ah!.. Ainda me não posso conter. (*Sahem.*)

CAHE O PANNO.

ACTO III.

Salão ricamente mobiliado. Porta de entrada no fundo, e lateraes, conduzindo para diversos aposentos da casa. E' de manhã.

SCENA I.

VIRIDIANO, *e* CONDESSA, *entrando de braços dados, e um Criado.*

CONDESSA, *ao criado.*

D. Eudoxia ?

CRIADO.

Está na sua camara.

CONDESSA.

Ide preveni-la. *(Sahe o criado. A Viridiano.)* Dizia antão V. S. que põe todo o seu empenho n'esse negocio ?

VIRIDIANO.

Sim, Exm. Sra., todo o empenho. *(Offerece-lhe uma cadeira, em que a Condessa se senta, e sentando-se tambem.)* Repito-lhe que o voto d'esse eleitor... me é *essencialissimamente* necessario.... E' um dos raros, que ainda não pude convencer.... por não o haver encontrado. Demais.... receio que, fallando-lhe eu

pessoalmente.... elle me recuse a graça.... E' creatura do Sr. Barão.... e não vota sem este lhe designar o candidato da sua affeição...

CONDESSA.

E o Barão.... não apoia a causa de algum dos candidatos ?

VIRIDIANO.

Não, minha senhora ; prometteu conservar-se neutro na presente campanha eleitoral. De maneira que V. Ex., tendo a bondade de interceder junto á sua pessoa em prol da minha pretenção, elle não porá a menor duvida em me indigitar ao seu eleitor como o candidato em que deve votar.

CONDESSA.

E a sua neutralidade ?

VIRIDIANO.

Que vale um voto, Exm. Sra.? Por outro lado, V. Ex. dignar-se-ha dizer-lhe que o maior segredo se guardará a semelhante respeito... D'est'arte, ignoraráõ os outros candidatos este unico passo, dado pelo Barão em meu favor.... e todos continuaráõ a acreditar na sua supposta neutralidade.

CONDESSA.

D'onde é esse eleitor e como se chama ?

VIRIDIANO.

Chama-se Sebastião de Jesus e é morador na Conceição dos Guarulhos.

CONDESSA, *depois de pausa.*

Sr. Dr. Viridiano, V. S. recorda-se de um pedido que tive a honra de fazer-lhe ha cousa de oito dias, na chacara do Barão ?

VIRIDIANO.

Um pedido, Exm. Sra. ?.. Em que sentido ?.. Não me recordo absolutamente. (*A' parte.*) Oh ! se me lembro !...

CONDESSA.

Um pedido eleitoral a favor de meu sobrinho Eduardo ?

VIRIDIANO.

Ah !

CONDESSA.

Dar-se-ha caso que tenha esquecido tambem a resposta que V. S. se dignou dar-me n'essa occasião ?

VIRIDIANO.

Sim.... mas então, minha senhora.... era-me *caracteristicamente* impossivel servi-la.... As cousas, porém, mudárão de face.... N'aquelles dias... um voto

não me fazia differença.... Hoje.... tenho competidores.... competidores que não dormem.... que me empatão todas as vasas.... Estou prompto a fazer com o sobrinho de V. Ex. qualquer transacção vantajosa.... a bem de ambos..... com tanto que V. Ex. me obtenha o voto do eleitor do Sr. Barão.

CONDESSA.

Mas elle.... pretende sempre á deputação....

VIRIDIANO.

A' deputação ? ! (*A' parte.*) Ainda outro competidor.... Isto é terrivel !

CONDESSA.

Então, que diz V. S. ? Presta-se a fazer com elle alguma transacção, cedendo em seu favor os votos dos seus eleitores ?

VIRIDIANO.

Porém, minha senhora... eu tambem aspiro á deputação ; já vê que....

CONDESSA.

Mas... resta um meio razoavel de se conciliarem perfeitamente os seus desejos com os d'elle.... Concordem em cada um dos senhores tomar assento dous annos...

VIRIDIANO.

Isso... Exm. Sra., é *litteralmente* impossivel !... (*A' parte*) Ia ser deputado á minha custa !

CONDESSA.

Então, Sr. Dr. Viridiano, nada podemos fazer.... um ao outro.

VIRIDIANO.

Mas, minha senhora....

CONDESSA.

Mudemos de conversa, meu caro Doutor. Tratemos de nós. Sabe, Doutor, que, como já tive a honra de lhe dizer o outro dia, sympathiso irresistivelmente com V. S.

VIRIDIANO, *á parte.*

Ei-la tocando a sua *corda sensivel*.... Acompanhe-mo-la n'esse terreno.... Talvez possamos conseguir alguma cousa por esse lado. (*Alto.*) Sra. Condessa do Anhangabahú, sinto-me profundamente reconhecido a V. Ex. pela sua exagerada bondade para comigo.... A' sympathia , altamente honrosa, que V. Ex. desce a consagrar-me, eu correspondo com a mais espontanea estima.. . com a mais sincera, dedicada e respeitosa amizade....

CONDESSA.

Ah ! Sr. Viridiano.... os senhores homens estão longe de saber comprehender.... o que nós, mulheres, sentimos.... Os senhores vivem antes pela cabeça, e nós pelo coração.... Poder é toda a ambição do homem.... amar é a vida inteira da mulher.

VIRIDIANO.

Cada um obedece a seu destino providencial, Exm. senhora.

CONDESSA.

Nós, pobres mulheres, debalde nos afadigamos para agradar aos homens.... Cégos, não lêem em nossa alma.... Preoccupados sempre, não attendem ás nossas preferencias.... Ingratos, não sabem pagar amor com amor.

VIRIDIANO, *á parte.*

Isto está me cheirando a uma declaração.... Dar-se-ha caso que a velha esteja namorada de mim ?

CONDESSA,

E a mulher que ama, e não é comprehendida.... em que supplicio não vive ! O pudor, natural a seu sexo, ordena-lhe o silencio.... e a paixão, impaciente nos seus desejos.... constrange-a a fallar....

VIRIDIANO.

Não ha duvida... E' uma perfeita declaração *erotica!* Oh ! uma ideia !

CONDESSA, *á parte.*

Ainda me não terei feito entender ? .. E' celebre !... Parece-me que tenho sido por demais clara.... (*Alto.*) Ha situações na vida da mulher bem criticas.... a da mulher que ama e deseja saber se é correspondida, sem

poder dize-lo abertamente.... é a mais espinhosa de todas as posições.

VIRIDIANO, *á parte*

Aproveitemos o ensejo.... Nãs ha outro remedio.... (*Alto.*) Se longe de não a comprehender, o homem, a quem uma tal mulher dedicasse os seus affectos, reconhecesse semelhante felicidade e rendesse graças aos céos por lh'a haver proporcianado, o que mais poderia desejar essa mulher ?

CONDESSA, *á parte.*

Finalmente ! (*Alto.*) Uma união sanccionada pela Igreja.

VIRIDIANO.

Elle a aceitaria, sob a condição, porém, de a mulher sacrificar-se em seu favor, servindo-o n'um pedido.

CONDESSA.

Qual ?

VIRIDIANO.

O ha pouco desattendido.

CONDESSA.

Pois não, caro Doutor, vou já tratar de satisfazê-lo.

VIRIDIANO.

Entendemo-nos perfeitamente, Condessa.

CONDESSA.

Nascemos um para o outro, meu futuro.... (*Requebrando-se.*)... futuro deputado.

VIRIDIANO.

Deos nos fez....

CONDESSA.

E amor nos ajuntou. (*Em outro tom.*) Crê então que esse eleitor não está compromettido para com ninguem sobre o seu voto ?

VIRIDIANO.

Julgo-o impossivel ; pois estou instruido de todos os seus passos. Elle chegou hontem da sua freguezia, porem mal se demorou na reunião do collegio o tempo necessario para entregar á meza o seu diploma, e logo se retirou para a casa. D'ahi não sahio o resto do dia, e ninguem se animou a ir procurá-lo antes da sua visita costumada ao Barão. Deve portanto vir hoje aconselhar-se, ou, mais acertadamente, receber as instrucções do Barão, e d'aqui se dirigirá em continente para o paço da Municipalidade. onde a esta hora deve se estar reunindo o collegio eleitoral.

CONDESSA.

Muito bem. Desde já lhe affianço esse voto— vá descançado.

VIRIDIANO.

Tente-o conseguir por todos os meios, porque isso a interessa agora muito de perto.... E' o caminho para

a sua.... para a nossa felicidade. (*A' parte.*) O céo me preserve de tal !

CONDESSA.

Não fira essa tecla com mão tão indiscreta, Doutor... Semelhante ideia seria capaz de arrastar-me a fazer loucuras.

VIRIDIANO, *á parte.*

E' soberanamente ridicula... esta mulher !

SCENA II.

OS MESMOS, *e* D. EUDOXIA.

D. EUDOXIA, *saudando.*

Bom dia, Condessa... Sr. Doutor... como está ?

VIRIDIANO, *cortejando-a profundamente.*

Minha senhora... Beijo as mãos á V. Ex.

CONDESSA.

D. Eudoxia... venho hoje passar o dia com as minhas amigas.

D. EUDOXIA.

A sua companhia nos é summamente grata.

CONDESSA.

Acha-se em casa... o Barão ?

D. EUDOXIA.

Sahio, mas não póde tardar.

CONDESSA.

Preciso fallar urgentemente com elle.

D. EUDOXIA.

Seguramente sobre negociações eleitoraes ?.. A Condessa é uma terrivel *cabalista*.

CONDESSA.

N'estes tempos... homens e mulheres, somos todos *cabalistas*... A politica é moda, e abraçada indistinctamente por ambos os sexos.

D. EUDOXIA.

Com a differença de que nós, mulheres, não passamos de meros instrumentos nas mãos dos homens... Somos os melhores canaes para os pedidos eleitoraes e toda sorte de empenhos.

VIRIDIANO.

Tempo virá em que o sexo amavel partilhará as glorias publicas que até hoje tem sido o monopolio dos homens.

D. EUDOXIA.

Isto só succederá quando se realisar a utopia social da emancipação das mulheres.

VIRIDIANO, *com ar doutoral.*

Utopia aliás muito praticavel.

D. EUDOXIA.

Não no Brasil, onde a condição da mulher é uma escravidão disfarçada....

VIRIDIANO.

Diga V. Ex. antes onde a mulher é a rainha do coração dos homens.

D. EUDOXIA.

E o homem o tyranno da vontade das mulheres.

VIRIDIANO.

Com V. Ex.... minha senhora.... não se póde entrar em luta.... em materia de espirito....

CONDESSA, *atalhando-o, com ligeiro assomo de ciume.*

Basta, Sr. Dr. Viridiano.... V. S. está ficando um formidavel lisongeiro.... (*Tomando o braço de D. Eudoxia.*) D. Eudoxia.... Vamos esperar o Barão.

D. EUDOXIA.

E o Sr. Dr. Viridiano ?

CONDESSA.

Elle já se vai.

VIRIDIANO.

Sim.... eu ia retirar-me.... Exm. Sra....

D. EUDOXIA.

Permitta.... (*Vão-se D. Eudoxia e a Condessa.*)

— —

SCENA III.

VIRIDIANO, *sô.*

Sinto-me reanimado !... A distracção do voto d'esse eleitor ia talvez causar a minha derrrota.... Um voto póde d'esta vez decidir da sorte dos candidatos... Mas caro me vai custar este triumpho... Envolvi-me n'uma meada de que ha de ser bastante difficil me desenredar... Compromettido por dous lados... a algum dos empenhos... hei de faltar de necessidade.. Está claro que a velha e presumida viuva será a preterida..... sem embargo da sua fortuna, que me consta ter uma solidez rara... Ella ha de *coriscar*, como lá dizem ... Embora!... a sua pretenção é por demais irrisoria para se ver forçada a se calar. (*Puxa do relogio.*) São dez horas.... Não ha tempo a perder.... Corro á casa da Camara..... E' preciso não afastar os olhos de cima dos eleitores... Até o momento de se dirigirem á meza para votar, ha risco de serem *cabalados*. (*Vai-se.*)

— —

SCENA IV.

O BARÃO, *e* SEBASTIÃO.

SEBASTIÃO.

Não pude vir mais cedo, Sr. Barão, meu compadre. Hontem, assim que me apeei, fui á primeira reunião do collegio, mas como me apertassem as minhas dôres rheumaticas, de que ando ha dias achacado, recolhi-me logo para a casa, e não tornei a sahir.

BARÃO.

Procurou-me hoje algum tanto tarde, Sr. Sebastião; o collegio, a esta hora, já deve estar reunido.

SEBASTIÃO.

Não pude me desembaraçar mais cedo dos meus arranjos... O senhor meu compadre sabe que um lavrador, quando vem á cidade, tem tantas compras a fazer...

BARÃO.

Como ficou a comadre?... o meu afilhado?... os outros seus pequenos?

SEBASTIÃO.

Vão passando sem novidade, Sr. Barão, meu compadre... graças a Deus.

BARÃO.

Sente-se... Descance um pouco.

(*Sentão-se. Pausa.*)

SEBASTIÃO.

Venho, como sempre, saber do Sr. meu compadre... os nomes das pessoas em quem devo votar.

BARÃO.

D'esta vez, Sr. Sebastião, vote em quem lhe parecer...

SEBASTIÃO.

Então o Sr. Barão, meu compadre, não protege a ninguem?

BARÃO.

Não; não tomo parte na presente eleição. Nada tenho a esperar d'ella.... Não aspiro á deputação.... Minhas vistas vão mais longe.... Hoje.... só almejo a Senatoria.

SEBASTIÃO.

Ah!

BARÃO.

Agora, veja o que faz.... não vá se comprometter...

SEBASTIÃO.

Como, Sr. meu compadre?

BARÃO.

Quero dizer.... não se deixe illudir... vote n'aquelle a quem prometter... Já alguem lhe fallou?

SEBASTIÃO.

Em que, Sr. Barão, meu compadre ?

BARÃO.

No seu voto, homem !

SEBASTIÃO.

Não, senhor, não forão capazes... Sem entender-me com o Sr. meu compadre, não dou ouvidos a ninguem.

BARÃO.

Está bem. Concedo-lhe plena liberdade de voto... d'esta vez. Vote em quem quizer.

SEBASTIÃO.

Sim, senhor. (*Depois de pausa.*) Mas.... Sr. Barão, meu compadre, é que eu não conheço a nenhuma das pessoas que querem ser deputados ?

BARÃO.

Logo as ha de conhecer.... Não tardarão a vir-lhe fallar.

SEBASTIÃO.

E então o que é que eu hei de fazer ?

BARÃO.

Faça o que entender... comtanto, como já lhe disse, que não se commetta.... Vote, por exemplo, em quem primeiro lhe fallar.

SEBASTIÃO.

Ah! muito bem, Sr. meu compadre; farei o que me aconselha.

SCENA V.

OS MESMOS, *e o* TENENTE CORONEL.

TENENTE CORONEL.

Amigo Barão, como vais?

BARÃO.

Oh! Mauricio. Senta-te.

TENENTE CORONEL, *baixo, ao Barão, designando a Sebastião.*

O senhor.... é...?

BARÃO.

Um eleitor.

TENENTE CORONEL, *á parte.*

Já o suspeitava. (*Baixo, ao Barão.*) Estavas-lo *cabalando.*

BARÃO.

Não ; sabes que d'esta vez não me interesso por nenhum dos candidatos.

TENENTE CORONEL.

Em quem vota elle então ?

BARÃO.

Por ora não sabe.

TENENTE CORONEL.

Deveras ? !.. Está em disponibilidade ?... Isto é um achado !

BARÃO.

Vai tu *cabalá-lo*.

TENENTE CORONEL.

Immediatamente. (*Dirige-se para Sebastião. O Barão péga n'um jornal, que se acha sobre a meza, e põe-se a lêr.*) Bom dia, senhor...?

SEBASTIÃO.

Sebastião de Jesus, um seu criado.

TENENTE CORONEL.

Oh ! o Sr. Sebastião de Jesus... Conheço-o muito... de nome... E' residente na freguezia da Conceição dos Guarulhos, não é verdade ?

SEBASTIÃO.

Sim, senhor.

TENENTE CORONEL, *sentando-se ao seu lado.*

Veio á cidade passear... já sei... ou talvez effectuar algum negocio urgente..? E' amigo do Barão de S. Vicente, sem duvida ?

SEBASTIÃO.

Sou seu compadre.

TENENTE CORONEL.

Ah!

SEBASTIÃO.

Venho á cidade votar nas *eleições.*

TENENTE CORONEL.

Votar na eleição ? ! Então V. S. é eleitor ?

SEBASTIÃO.

Sou, sim, senhor. (*A' parte.*) V. S. ? ! Que homem delicado !

TENENTE CORONEL, *puxando de uma caixa de rapé.*

Gasta, meu amigo? E' excellente. Princeza de Lisboa, de primeira qualidade.

SEBASTIÃO, *tirando uma pitada*

Muito obrigado á... á V. S.

TENENTE CORONEL.

Póde me dizer quem é o seu candidato ?

SEBASTIÃO

O meu candidato ? !

TENENTE CORONEL.

Sim.... a pessoa em quem V. S. vota.

SEBASTIÃO.

Entendo.... Ainda não sei.

TENENTE CORONEL.

Oh ! meu amigo.... pois então vou pedir-lhe um favor....

SEBASTIÃO

Pois não.... ás suas ordens.

TENENTE CORONEL.

Meu rico senhor... espero da sua bondade que votará em um amigo meu.

SEBASTIÃO.

Como se chama ?

TENENTE CORONEL.

Raymundo da Silva.

SEBASTIÃO, *repetindo o nome para gravá-lo na memoria.*

Raymundo da Silva.... Raymundo da Silva.... (*Ao Tenente Coronel.*) Está servido.

TENENTE CORONEL.

Como ? !

SEBASTIÃO.

Digo ao Sr.... á V. S... que está servido....

TENENTE CORONEL.

Pois devéras ?

SEBASTIÃO.

O Sr. Barão, meu compadre, disse-me—vote no primeiro que lhe fallar, V. S. foi o primeiro que me fallou para o seu amigo, hei de votar no seu amigo.

TENENTE CORONEL.

O' meu caro Sr. Sebastião,... Dê caso esse abraço. (*Abraçando-o.*)

SEBASTIÃO, *á parte.*

Este homem tem maneiras que captivão a gente.... Sinto não ter dous votos para lhe dar.

TENENTE CORONEL.

Veja lá agora se me vai faltar.... Não se deixe seduzir por nenhum outro....

SEBASTIÃO.

V. S. não me conhece.... O que Sebastião de Jesus disse uma vez, está dito.

TENENTE CORONEL.

Muito bem. (*Aperta-lhe a mão.*)

SEBASTIÃO.

Não devo votar em outro ?

TENENTE CORONEL.

Ah ! sim,.. o supplente....

SEBASTIÃO.

Quem hade ser ?

TENENTE CORONEL.

Seja.... seja.... Vote V. S. em Eduardo das Neves. (*A' parte*) E' o protegido da Condessa do Anhangabahú.... Antes este do que qualquer dos outros...

SEBASTIÃO, *repetindo entre dentes.*

Eduardo das Neves.... São portanto.... Raymundo das Neves deputado ; Eduardo da Silva, supplente.

TENENTE CORONEL.

Nada, homem, não é assim.... Raymundo da Silva, deputado ; Eduardo das Neves, supplente.

SEBASTIÃO.

Ah ! já sei. Agora, venha quem vier, de mim nada obterá.

— —

SCENA VI.

OS MESMOS, *e a* CONDESSA.

CONDESSA.

Oh ! o Sr. Barão... ando á procura de V. Ex... Meus senhores... (*Cortejando ao Tenente Coronel e Sebastião. Estes se inclinão ante ella.*)

BARÃO, *erguendo-se.*

Ignorava-o, Condessa... senão tinha corrido ao seu encontro. (*Emquanto o Barão e a Condessa tem entre si o seguinte dialogo, o Tenente Coronel e Sebastião se entretem, já conversando em voz baixa, já passeando no fundo.*) O que deseja d'este seu humilde criado, Exm. senhora ?

CONDESSA, *sentando-se ao seu lado.*

Uma graça... um ligeiro serviço... Vou endereçar á sua officiosidade um pedido eleitoral.

BARÃO.

Peza-me dizer a V. Ex., creio que pela segunda vez, que fiz voto de não me envolver n'esta eleição.

CONDESSA.

Porque?.. Qual a razão d'essa sua indifferença politica?

BARÃO.

Neutralidade, Exm. senhora.

CONDESSA.

Pois seja... neutralidade.

BARÃO.

As vantagens de uma semelhante posição. Conservando-me neutro no campo das facções, se não presto serviços a nenhum dos interessados na luta, tambem a nenhum guerreio. E' o melhor partido a tomar para aquelle que não tem interesse pessoal no certame eleitoral e deseja guardar uma inactiva imparcialidade.

CONDESSA,

Mas se eu pedisse a V. Ex., como uma graça especial, que quebrasse em favor do meu candidato o seu voto de neutralidade...?

BARÃO.

Talvez... quero dizer... conforme. Quem é esse seu protegido?.. E' o mesmo senhor seu sobrinho, de quem V. Ex. já se dignou fallar-me ha dias na minha chacara?

CONDESSA.

Não, caro Barão... é outra pessoa... um amigo por quem me interesso hoje mais do que me empenhava até aqui por meu sobrinho... E' o Dr. Viridiano Marques.

BARÃO.

O Dr. ... Viridiano Marques ? !.. E pretende V. Ex. ..?

CONDESSA.

Pretendo que V. Ex. me obtenha para elle o voto do seu eleitor da Conceição dos Guarulhos.

BARÃO.

Oh ! Está nas mãos de V. Ex. obter em pessoa esse voto... Elle alli está... (*Designando a Sebastião.*)

CONDESSA.

Quem ?.. O eleitor ?

BARÃO.

Justamente.

CONDESSA, *apontando.*

E' aquelle ?

BARÃO.

Sim.... mas parece-me, infelizmente para o seu afilhado, que V. Ex. chega tarde....

CONDESSA.

Como assim ?

BARÃO.

O Tenente Coronel deve já tê-lo *cabalado*.., Elle estava em disponibilidade, e aconselhei-o a que votasse no primeiro que lh'o pedisse.

CONDESSA.

Mas V. Ex. póde ainda, valendo-se do ascendente que sobre elle exerce, dissuadi-lo d'esse proposito, e fazer com que elle vote no meu protegido.

BARÃO.

Perdão.... Condessa.... não exija esse serviço de mim.., Bem vê que seria, em todo caso, desdizer-me... E depois, V. Ex., aqui mesmo e já, empregando habilidade, alcançará provavelmente, por si propria, o que deseja.

CONDESSA.

Está bem.... Aceito o seu conselho.... Vou ter com elle. Queira V. Ex. ter a bondade de entreter o Tenente Coronel.... Mas, ia-me esquecendo de perguntar-lhe.... o seu nome ?

BARÃO.

Chama-se Sebastião de Jesus.

CONDESSA.

Bem.

BARÃO, *chamando.*

Mauricio !

TENENTE CORONEL, *voltando-se*

Chamas-me, Barão ?

BARÃO.

Sim. Duas palavras. O Sr. Sebastião ha de permittir....

(*O Tenente Coronel dirige-se para o Barão.*)

CONDESSA, *á parte.*

Mãos á obra ! (*Encaminha-se para Sebastião.*)

TENENTE CORONEL.

O que me queres ?

BABÃO.

Vou-te dizer porque te chamei. (*Continúa a fallar em voz baixa ao Tenente Coronel.*)

CONDESSA, *cortejando a Sebastião.*

Bom dia, meu caro senhor.

SEBASTIÃO.

Outro tanto, senhora.

CONDESSA.

Ja sei que chegou hontem de seu sitio e vem votar na eleição !

SEBASTIÃO.

E' verdade, senhora.... E por a senhora fallar-me n'isso.... lembro-me de que está-se fazendo tarde.... e é mais do que tempo de eu me achar na casa da Camara. (*Péga no chapéo.*) Com sua licença.

CONDESSA, *detendo-o.*

Espere, meu caro senhor.... Quero pedir-lhe uma graça....

SEBASTIÃO.

Se é sobre o meu voto, previno á senhora que é tempo perdido.... Já estou compromettido. Passe bem. (*Faz uma mesura.*)

CONDESSA, *o mesmo que acima.*

Porém... meu caro senhor.... acredite que ficar-lhe-hei devendo uma grande obrigação e terá em mim uma protectora incançavel.... Demais o meu candidato tem importancia.... sabe-lo-ha recompensar...á medida de seus desejos.

SEBASTIÃO.

Com o que ?

CONDESSA.

Com o que V. S. quizer.... Uma cadeira de primeiras lettras, por exemplo.

SEBASTIÃO.

Nunca pretendi ser mestre de meninos em dias de minha vida.

CONDESSA.

Com algum cargo policial na sua freguezia...?

SEBASTIÃO.

Ora historias ! o que eu desejo é que as minhas roças produzão bem.... Para isso nem Vmc., nem elle jamais poderão concorrer.. Por conseguinte... não *arrumamos* nada. Adeos... passe muito bem. (*Dirige-se para o fundo recuando e fazendo mesuras á Condessa, que ainda procura convencê-lo.*)

BARÃO, *ao Tenente Coronel.*

Ficas ?

TENENTE CORONEL.

Sim.... não quero perder do vista o sujeito... Deixando-o só, receio que abusem da sua nativa estupidez e o logrem... Hei de acompanhá-lo até o momento de votar.

BARÃO.

Pois bem ! Até logo. (*Vai-se pela direita.*)

SEBASTIÃO, *á Condessa.*

Pela ultima vez... não. Passe muito bem. (*Vai a sahir de recúos, quando entrão ao mesmo tempo, precipitadamente e como querendo adiantar-se um ao outro, Matheus e Arthur, e, empurrando a Sebastião, fazem-n'o cahir.*)

SCENA VII.

SEBASTIÃO, *o* TENENTE CORONEL, *a* CONDESSA, MATHEUS, *e* ARTHUR.

SEBASTIÃO, *levantando-se encolerisado.*

Irra! Os... Srs.... não veêm..!

MATHEUS.

Queira desculpar... senhor... não foi de proposito... (*A' parte.*) E' elle!

ARTHUR.

Mil perdões, caro senhor... A pressa... (*A' parte.*) Pelos signaes... é o sujeito! *Le voilà.*

SEBASTIÃO, *limpando-se.*

Está bom... não foi nada... Com licença... (*Vai a sahir.*)

MATHEUS, *interpondo-se entre elle e a porta.*

V. S. ha de fazer o obsequio de me ouvir por um instante...

ARTHUR, *puxando a Sebastião para o seu lado.*

Digne-se dar-me uma palavra antes de sahir...

SEBASTIÃO.

Mas é que... eu não devo... São horas de ir votar... Já me tenho demorado demais.

MATHEUS, *baixo a Sebastião.*

Pois bem! vote n'este seu criado — chamo-me Matheus Gonçalves. Possúo uma grande fortuna, e...

ARTHUR, *o mesmo do outro lado.*

O que lhe tenho a pedir não o detem. Lembre-se de mim para deputado — Meu nome é Arthur da Fonseca. Sou filho do Senador...

SEBASTIÃO, *a Matheus.*

Meu senhor... não posso servil-o... (*A' Arthur.*) Meu senhor... não me é possivel attender ao seu pedido... (*Ao* 1.°) Estou compromettido... (*Ao* 2.°) Já tenho o meu voto empenhado.

CONDESSA, *chegando-se para Sebastião e dizendo-lhe em voz baixa.*

Não se esqueça do que lhe pedi... Fallei-lhe antes d'elles.

SEBASTIÃO, *atrapalhado, a Condessa.*

Mas, senhora... Já lhe disse que não posso... (*A Matheus e Arthur.*) Mas, senhores... Eu bem desejava servir a ambos... (*A' parte.*) E o tempo que passa! (*A' Condessa, tomando-a pelos dous.*) Os senhores... VV. SS. comprehendem que a minha posição... (*A' parte.*) Se falto, tenho de pagar a multa... (*Aos dous, tomando-os pela Condessa.*) A senhora bem vê que eu... (*A' parte.*) Maldito cargo de eleitor!

TENENTE CORONEL, *que passeava á parte, observando os mais interlocutores, passa por detrás de Sebastião, e lhe diz ao ouvido.*

Vá-se embora, e cumpra a sua palavra.

SEBASTIÃO, *recobrando a presença de espirito, á voz do Tenente Coronel.*

E' verdade !.. Meus senhores e senhora... o collegio me espera... (*A' parte.*) Se eu já não estiver multado. (*Alto.*) Com licença de VV. SS. (*Corteja e dirige-se á toda pressa para a porta do fundo.*)

MATHEUS, *acompanhando-o*

O' Sr. Sebastião.

ARTHUR, *o mesmo.*

Um momento, meu caro senhor...

COÑDESSA, *o mesmo.*

Faz o obsequio, Sr. Sebastião. (*Vão-se um atrás do outro*)

——

SCENA VIII.

O TENENTE CORONEL, *só.*

Pobre eleitor!.. Está-se vendo em apuros... Mas confio na sua promessa... Se não lhe trocarem a lista... ha de votar em Raymundo... A's mais das vezes se encontra mais firmeza de caracter n'estes simplorios do povo do que em muitos dos que se intitulão varões fortes... Debalde se estafão estes meus amigos... A sua derrota está arithmeticamente calculada. A popularidade incontestavel de Raymundo... os esforços dedicados de seus amigos... entre os quaes folgo de me contar, assegurão-lhe um triumpho infallivel... E assim será elle o deputado e o marido de D. Guilhermina...

E' este um successo raro por certo nos tempos que correm... mas, por maior que seja a desmoralisação dos homens, é sempre verdade que á intelligencia e ao merito, afinal de contas, pertence a palma da victoria nas lutas sociaes... Vou para o paço da Camara... fiscalisar o procedimento dos eleitores e assistir á apuração... que não póde tardar. *(Vai a retirar-se.)*

— —

SCENA IX.

O TENENTE CORONEL, *e* RAYMUNDO.

TENENTE CORONEL.

Oh ! aqui... Doutor ?

RAYMUNDO.

Sim, Tenente Coronel, chego n'este momento da casa da Camara.

TENENTE CORONEL.

E então..?

RAYMUNDO.

Ião proceder ao recolhimento das cedulas.

TENENTE CORONEL.

E quanto a esperanças ?

RAYMUNDO.

Tenho-as todas.

TENENTE CORONEL.

Sim... deve-as ter... A sua eleição é fóra de duvida...

RAYMUNDO.

Não avançarei tanto... E' possivel que alguns *furos* inesperados fação pender a balança do lado dos meus antagonistas.

TENENTE CORONEL.

Acredite, Doutor, que é mais facil *furarem* os outros para votarem no senhor do que o avesso.

RAYMUVDO.

Quem sabe?

TENENTE CORONEL.

Asseguro-lh'o eu... Alguns dos eleitores com quem fallei... mostravão-se enthusiastas da sua candidatura... e não encontrei a minima difficuldade em obter em seu favor os votos de outros... que se suppunhão duvidosos.

RAYMUNDO.

Isto é para mim sobremodo lisongeiro.

TENENTE CORONEL.

Não affiançarei.. (Seria isto desconhecer o como se se fazem as eleições no nosso paiz.)... que todos elles votem no Doutor... em reconhecimento das suas ele-

vadas habilitações, não! Mas... em parte pelas sollicitações de nossos amigos... em parte devido a algum resto de espirito de justiça ao merito, a sua candidatura é geralmente aceita sem constrangimento e com satisfação, e não imposta pelo emprego de meios deshonestos.

RAYMUNDO.

Creia, Tenente Coronel, que, se, para obter um assento na Camara dos Deputados, me fosse necessario recorrer a essa sorte de meios, a lançar mão de transacções vergonhosas... a fazer promessas irrealisaveis... a espalhar o ouro ás mãos cheias.... preferiria jazer toda a minha vida na mais triste obscuridade... a comprar um cargo de representação por semelhaute preço.

TENENTE CORONEL.

A maior parte dos nossos homens politicos estão longe de pensar a este respeito de accordo com o Doutor.... O que lhes importa é o successo.... o emprego dos meios é para elles questão secundaria....

RAYMUNDO.

E' por isso que vemos o nosso paiz, apenas nas fachas da infancia, já profundamente corrompido.... é porque os nossos homens publicos, aquelles, que, pela suas luzes e posição social, como os guias que são do povo, devião distinguir-se pela sua moralidade exemplar e áltas virtudes civicas, são os primeiros a darem lições de soberano desprezo ás leis do decoro.. é porque a modestia, o pudor, o escrupulo, a consciencia do dever, o desinteresse, a lealdade, que devião caracterisar as

pretenções eleitoraes dos nossos personagens politicos, desapparecem no choque das ambições illegitimas dos innumeros candidatos.... é porque aqui o Juiz de Direito, a quem a lei prohibe o propôr-se candidato pelo circulo da sua jurisdicção, se empenha pela candidatura de um seu collega da proxima comarca, e trabalha abertamente em seu favor, sob a condição de este por seu turno faze-lo eleger deputado no seu districto.... é porque, alli, o chefe de policia vale-se da sua autoridade sobre a provincia para impôr, poucos mezes antes da demissão do seu cargo, a sua candidatura a qualquer circulo.... é porque, acolá,o homem intelligente, illustrado e cheio de consideração, deixa-se arrastar pela cegueira de sua ambição e necessidade de apoio eleitoral, e faz uma liga menos honrosa com o mandão da aldêa estupido, dissoluto, e ás vezes até coberto de crimes... é porque mais longe, finalmente, por abusos inqualificaveis de poder, recrutão-se homens laboriosos e pacificos... qualificão-se pobres diabos sem a idade legal ou meios reconhecidos de subsistencia... perseguem-se guardas nacionaes inoffensivos e sobrecarregados de filhos.

TENENTE CORONEL.

Tem razão, Doutor. O nosso paiz offerece um deploravel espectaculo nas quadras eleitoraes, e quem deve carregar com a culpa d'isso, são com effeito os grandes da época...Mas...até já...

RAYMUNDO.

Perdão, Tenente Coronel... por havê-lo demorado com as minhas eternas declamações... porém preciso

desabafar quando encontro um coração honesto como o seu.... Suffoca-se n'esta atmosphera inficionada em que se é obrigado a viver.

TENENTE CORONEL.

Comprehendo perfeitamente os seus sentimentos.... A nobreza de sua alma e o fogo da mocidade explicão estas explosões contra o estado actual da sociedade. Até logo. Corro á casa da Camara. Quero eu mesmo trazer-lhe a nova da sua eleição. *(Sahe.)*

— —

SCENA X.

RAYMUNDO, *só.*

E' um bello caracter e um espirito superior este Tenente Coronel Mauricio... Profundo conhecedor do coração humano, e dotado de uma alma affectuosa, zomba dos ridiculos da sociedade ao mesmo passo que estende a mão fraternal e se devota ao serviço do amigo que d'elle precisa... A ironia epigrammatica e o sorriso bondadoso pairão-lhe a um tempo nos labios, e tão depressa acaba de divertir-se á custa de um parvo, a presença de uma acção nobre ou a narração de um rasgo de virtude acha n'elle o panegyrista mais enthusiasta... Meu amigo dedicado, fez por mim n'esta eleição o que um pai não faria por seu filho... Se eu for eleito deputado... a elle, principalmente, deverei semelhante triumpho... e atrás d'isso, a maior ventura a que me é licito aspirar n'este mundo, isto é, a mão de Guilhermina. Sei da resposta que deu o Barão á

ideia do meu casamento com a sua filha, e a condição que impoz á sua realisação.... Pois bem !... essa condição vai hoje preencher-se para regozijo da sua vaidade... e este dia ficará sendo para mim duplamente memoravel, porque, assignalando de um lado a minha victoria gloriosa sobre pretenções exageradas, apoiadas em falsos titulos, marcará na historia de minha vida a mais fausta de todas as datas, qual é a da coroação do meu amor.

— —

SCENA XI.

RAYMUNDO, *e* GUILHERMINA.

GUILHERMINA.

O Sr. Dr. Raymundo aqui ? Fazia-o no paço da Camara.

RAYMUNDO.

Não, D. Guilhermina, vim esperar ao seu lado a noticia do exito final da batalha. A sua presença saberá inspirar-me a resignação, se fôr a derrota a minha partilha, e completará o meu jubilo se a urna eleitoral se dignar cobrir-me com os seus cobiçados favores.

GUILHERMINA.

V. S. ainda julga incerta a sua eleição ? Não sabe que é isso pôr em duvida a nossa união ?

RAYMUNDO.

E' justamente o que mais me preoccupa. O que me importaria a minha derrota se não fosse seguida

d'essa fatal consequencia? Semelhante resultado não será só perder um triumpho politico, será mais do que isso, será ver fugir irremissivelmente para longe dos meus labios a taça da felicidade que eu ia libar.

GUILHERMIÑA.

Espero na bondade de Deos, que elle ouvirá os nossos votos. A nossa causa é a causa do direito e do amor.

RAYMUNDO.

Sim.... eu tambem conto mais provavel um feliz do que um infausto resultado... A maior parte dos eleitores dérão a sua palavra de preferirem o meu nome ao de todos os outros candidatos.

GUILHERMINA.

A sua candidatura é geralmente acolhida com favor, segundo tenho ouvido dizer, entretanto que a dos outros, por balda de titulos legitimos, encontra repugnancias.

RAYMUNDO.

E' ainda verdade... E apezar dos esforços infatigaveis des meus competidores, é a sympathia, com que me honrão os eleitores, o que alenta as minhas esperanças.

GUILHERMINA.

Pois bem! Doutor, os homens far-lhe-hão justiça... O coração m'o annuncia... E seremos felizes.

RAYMUNDO.

Possão as suas palavras ser a expressão de uma infallivel prophecia !

——

SCENA XII.

OS MESMOS, *e* D. EUDOXIA.

D. EUDOXIA.

Ouvi a sua voz, Doutor, e venho saber do resultado da eleição.

RAYMUNDO.

Ainda é desconhecido, minha senhora, mas em breve o saberemos.

D. EUDOXIA.

Dou-lhe já os parabens pelo seu brilhante triumpho.

RAYMUNDO.

E eu não os aceito, D. Eudoxia.... Não se deve jogar com o futuro.

D. EUDOXIA.

Ha acontecimentos futuros tão certos como os presentes. O nascimento do sol amanhã e a eleição de V. S. para deputado hoje, são factos d'esta ordem.

RAYMUNDO.

Diz um proloquio latino que somos faceis em

acreditar o que antojamos. Obrigado pelos seus bons desejos, minha senhora.

SCENA XIII.

OS MESMOS, *o* BARÃO, *e o* TENENTE CORONEL, *apressado.*

TENENTE CORONEL, *entrando.*

Alviçaras ! alviçaras !

RAYMUNDO.

Então ? !

TENENTE CORONEL.

O Doutor acaba de ser eleito deputado quasi á carga cerrada.

D. EUDOXIA.

Deveras ?

GUILHERMINA, *á parte.*

O céo attendeu ás minhas supplicas !

RAYMUNDO.

E o supplente.... quem é ?

TENENTE CORONEL.

Não sei.... Sahi e corri a preveni-lo, logo que se concluio a apuração dos votos para deputado.... Ficá-

rão procedendo á eleição do supplente.... Já o saberemos.

BARÃO.

Parabens, Doutor. (*Estendendo-lhe a mão.*)

RAYMUNDO, *apertando-lh'a.*

Obrigado, Sr. Barão.

TENENTE CORONEL, *ao Barão.*

O promettido é devido.

BARÃO.

Sim, Mauricio. (*A Raymundo.*) Sr. Dr., respondendo ao pedido da mão de minha filha, que, em seu nome, se dignou fazer-me o meu amigo Tenente Coronel, limito-me a dizer-lhe que será a minha a sua vontade a respeito d'esta alliança.

GUILHERMINA.

E eu a aceito. (*Estende a mão a Raymundo.*)

RAYMUNDO.

Mil graças, Sr. Barão... (*Beijando a mão de Guilhermina.*) Eu vos agradeço, Guilhermina.

— —

SCENA XIV.

OS MESMOS, VIRIDIANO, MATHEUS, ARTHUR, *e a* CONDESSA, *que entrão lentamente, cabisbaixos e com o desapontamento pintado no semblante.*

TENENTE CORONEL, *vendo-os.*

Então ?

CONDESSA, *com voz surda.*

Derrotados !

TENENTE CORONEL, BARÃO, D. EUDOXIA, GUILHERMINA, *e* RAYMUNDO, *a um tempo.*

Derrotados ? !

VIRIDIANO.

E' uma *lamentabilissima* realidade !

ARTHUR.

Tout-à-fait échoués !

MATHEUS.

Derrota vergonhosa !

TENENTE CORONEL.

Mas ao menos a supplencia..?

CONDESSA.

Nem essa... Foi eleito supplente o meu sobrinho Eduardo.

TENENTE CORONEL.

Parabens, Condessa.

CONDESSA.

Agradeço-lh'o, em seu nome.

VIRIDIANO, *á parte.*

E a moça... foi-se !

MATHEUS, *o mesmo, enxugando uma lagrima com as costas da mão.*

Os meus castellos de amor... se evaporárão como o fumo !

ARTHUR, *á parte.*

Nem deputado... nem casamento... fatalidade !

(*Entra um criado, chega-se para o Barão e entrega-lhe a sua correspondencia ; depois vai a Arthur e entrega-lhe jórnaes e algumas cartas.*)

CRIADO.

Acaba de chegar o correio da Côrte.

ARTHUR, *aos circumstantes.*

Pardon. (*Abre uma carta e lê. Empallidecendo.*) Meu Deos !

BARÃO.

O que é..? !

EDUARDO, *com esforço.*

Meu pai... morreu de uma apoplexia fulminante ! (*Cahe anniquilado sobre uma cadeira e cobre o rosto com as mãos.*)

(*Estupefacção geral.*)

BARÃO, *á parte.*

Uma vaga de Senador pela provincia... (*Com satisfação interior.*) Muito bem.

MATHEUS, *á parte.*

Para mim não é novo... Soube da noticia no correio quando fui buscar as minhas cartas... e até servi-me d'essa perda inesperada para subtrahir, a este de todos os competidores o mais protegido, os votos dos eleitores que n'elle votavão pela recommendação paterna. Mas tudo foi baldado !.. Vejamos tambem a nossa correspondencia... que, com a azáfama da malfadada eleição, ainda não tive tempo de lêr. (*Abre uma carta d'entre algumas que tira da algibeira, e põe-se a lê-la. Soltando um grito agudo.*) Ah !

Algumas vozes.

O que é ? !

MATHEUS, *no auge do desespero.*

Arruinado !... perdido !...

TENENTE CORONEL.

Como ?

MATHEUS, *suffocado.*

A casa de Gomes & Leite do Rio de Janeiro...onde eu tinha depositados quasi todos os meus fundos.... acaba de quebrar !... Arruinado ! . perdido !... (*Leva as mãos á cabeça e sahe precipitadamente : Arthur, que se tem conservado immerso na mais sombria dôr, sahe tambem lentamente.*)

GUILHERMINA, *com dó.*

Coitados !

TENENTE CORONEL, *á parte, como que reflectindo.*

Eis o que são as grandezas d'este mundo !... Aquelle, que, ha pouco, seguro da influencia politica de seu pai, blasonava de tudo poder, não passará d'ora em diante de uma nullidade na sociedade ; o outro, que se julgava um Creso, n'um momento se vê reduzido talvez á ultima pobreza !

VIRIDIANO, *á parte.*

Li n'um jornal, antes da eleição, a noticia d'esta quebra consideravel,... e apezar de me ter servido d'ella para roubar ao jurista alguns dos seus votos comprados a credito.... e do meu grupo de eleitores..,. fui derrotado !... E' o cumulo do caiporismo !

BARÃO, *a Viridiano.*

Sr. Dr.... (*A' Condessa.*) Minha senhora..., Convido-os para as bodas de minha filha.

VIRIDIANO.

Pois casa-se ? !

BARÃO.

Com o Dr. Raymundo.

VIRIDIANO, *á parte.*

Ainda mais esta !

CONDESSA, *a Viridiano*,

Doutor.... o amor tambem é um balsamo. Lembra-se do nosso ajuste?

VIRIDIANO.

Sim.... (*A' parte.*) Sirva-me a acquisição de uma boa fortuna de lenitivo a uma dupla derrota. (*Alto.*) Meus senhores e senhoras. .. participo-lhes que esposo a Sra. Condessa do Anhangabahú.

(*Sorpreza geral.*)

TENENTE CORONEL.

Deveras? (*A' parte.*) E' o maior castigo que lhe poderia sobrevir. (*A' D. Eudoxia.*) Minha senhora... a maré é dos hymeneus.... Se me fosse licito aspirar á sua mão...?

D. EUDOXIA.

Tenente Coronel... quero ser franca com V. S.. Conservemo-nos antes celibatarios... A chamma do amor já não póde arder em nossos peitos resfriados pelos annos.

RAYMUNDO, *á parte, olhando para a Condessa.*

Vai a quem toca.

TENENTE CORONEL.

Mas a amizade...?

D. EUDOXIA.

Continuemos amigos como d'antes.... amigos solteiros.

TENENTE CORONEL, *inclinando-se.*

Seja feita a sua vontade.

(*Entra um criado, e falla baixo ao Barão.*)

BARÃO.

Meus amigos, convido-os para um ligeiro *lunch*... Vamos brindar os noivos e o recente deputado.... A mesa nos espera.

(*Viridiano offerece o braço á Condessa, Raymundo á Guilhermina, o Tenente Coronel á D. Eudoxia, e todos se dispoem a sahir.*)

CAHE O PANNO.

FIM.

ERRATA.

Pagina	Linha	Erro	Emenda
11	10	idolatra do ouro	idolatra do bezerro de ouro
34	13	deputação.	deputação ?
35	18	distingue	distinguem
43	17	em todo o caso	em todo caso
61	9	pretender a mão	pretender á mão
63	24	aparentar	apparentar
»	»	tranquilidade	tranquillidade
64	11	olvia	obvia
»	12	do Sra.	da Sra.
74	8	deputado.	deputado ?
96	14	antão	então
102	8	proporcianado	proporcionado
107	8	derrrota	derrota
108	8	casar	casa
115	2	memorio	memoria
121	13	Babão	Barão
127	1	certo	certo
130	3	inumeros	innumeros